

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Campus Universitário de Bauru**  
**Faculdade de Ciências**  
**Departamento de Educação – Curso Licenciatura em Pedagogia**

**Daiane Gomes Tavares Pereira**

**A questão do voto para o adulto analfabeto ou pouco letrado.**

**Bauru**  
**2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Campus Universitário de Bauru**

**Faculdade de Ciências**

**Departamento de Educação – Curso Licenciatura em Pedagogia**

**Daiane Gomes Tavares Pereira**

**A questão do voto para o adulto analfabeto ou pouco letrado.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Marques Zanata.

**Bauru  
2016**

PEREIRA, Daiane Gomes Tavares.

A Questão do para o Adulto Analfabeto ou pouco Letrado/Daiane Gomes Tavares Pereira, 2016.

68 f.: il.

Orientadora: Eliana Marques Zanata

Monografia (Graduação)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

1. A construção da Cidadania do Educando Adulto na perspectiva de Paulo Freire. 2. História do Voto do Analfabeto no Brasil. 3. As Políticas Públicas para Educação de Jovens E Adultos no Brasil. 4. Quem são os Educandos da EJA no Estado de São Paulo? I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

**Daiane Gomes Tavares Pereira**

**A questão do voto para o adulto analfabeto ou pouco letrado.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Marques Zanata.

Banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Marques Zanata. – orientadora

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Andréa Cristina Souza de Jesus

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Poliana S. A. Santos Camargo

Universidade do Sagrado Coração- USC

Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, João e Anésia  
meus amores.

## **Agradecimentos**

Fruto de um trabalho árduo, esta pesquisa contou com a participação direta e indireta de muitas pessoas, a quem dirijo meus sinceros agradecimentos:

### **Às pessoas que mais amo, João e Anésia, meus pais**

Por sempre me encorajarem e serem meus exemplos de vida. Pessoas iluminadas que demonstram o amor incondicional que sentem por mim diariamente.

### **Aos meus irmãos queridos**

Maria agradeço a você, por me auxiliar sempre que necessário e pela constante preocupação. Gratidão pela paciência, generosidade e presteza.

### **Aos meus amigos e colegas de turma**

Por fazerem deste período intenso mais leve e me animarem nos momentos de desânimo. Em especial a Camila Petrucci, Kathlen Kazue Nichimoto, Mariana Lopes e Nicolle Lenharo companheiras de curso e amigas de todas as horas, que me socorreram em momentos de incertezas e angústia.

### **À Eliana, minha orientadora**

Por ter me dado a oportunidade de desenvolver este estudo, pelo entusiasmo, ensinamentos, paciência e confiança ao longo desta caminhada. Posso dizer que minha formação, inclusive pessoal, durante este período, não teria sido a mesma sem a sua presença.

### **Aos professores Marcioniro Celeste Filho e Thais Cristina Tezani**

Por darem todo o respaldo científico e metodológico desta pesquisa. Com seus ensinamentos pude aperfeiçoar minha escrita e lapidar todas as ideias.

### **A todos os professores que já passaram pela minha caminhada**

Por todo o cuidado, dedicação e ensinamentos. Escolhi esta linda profissão para a vida, foi por vê-los durante as aulas e querer estar ali, fazendo a mesma coisa.

### **A todas as professoras do CEJA**

Em especial as Professoras Maria Cristina Versatti e Marilaine Duarte pelas dicas dadas durante o meu estágio como bolsista Pibid no Pólo Redentor e aos alunos dessas professoras que se transformaram em meus amigos que jamais esquecerei. E principalmente a professora Maria Aparecida Couto por ser tão prestativa no momento em que pedi sua permissão para entrevistar seus educandos e também por sempre me incentivar com palavras de carinho.

### **Aos Educandos da EJA**

Principalmente aos Educandos do Polo Redentor, que fizeram do ano de 2014 o mais especial de todos. Guardarei todos em meu coração por minha vida.

**A todos os professores do Departamento de Educação da UNESP/Bauru**

Pelas aulas, conselhos, ensinamentos e momentos inesquecíveis que passamos juntos. Gratidão por contribuírem para minha formação acadêmica e humana, por me encorajarem a questionar realidades e proporem sempre um novo mundo de possibilidades.

**À banca examinadora**

Pela disponibilidade de participar e pelas contribuições acerca do trabalho.

**À Rede pública de ensino pesquisada**

Por nos dar todo o respaldo para o desenvolvimento deste estudo. Grata pela receptividade e acolhimento.

**E finalmente...**

A Giovana Placideli e a sua família por ter me incentivado a escolher essa profissão maravilhosa.

“(…) Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso paiz é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores.”<sup>1</sup>

Carolina Maria de Jesus

21 de Maio de 1958.

---

<sup>1</sup> Trecho retirado do livro: Quarto de despejo Diário de uma favelada (1960) a autora é Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, mãe solteira e líder popular de sua comunidade, a Favela do Canindé em São Paulo.



## **Resumo**

A Educação de Jovens e Adultos é uma realidade que ainda resiste nos bancos escolares do Brasil. Historicamente, pessoas adultas passam a ter uma maior inserção no mundo quando se apropriam do código escrito. Uma das questões que tocam essa inserção é o direito ao voto, e, mais que isso a consciência ao voto do jovem e do adulto analfabeto ou pouco letrado. Assim, o presente trabalho de conclusão de curso teve por objetivo levantar, do ponto de vista do educando analfabeto ou pouco letrado, como ele se vê enquanto eleitor e qual seu papel na consolidação democrática deste ato, ainda que se encontre na condição de analfabeto ou pouco letrado. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho etnográfico, com entrevistas individuais analisadas à luz da literatura estudada, tendo por base os escritos de Paulo Freire. Os participantes da pesquisa foram Professores da EJA e educandos regularmente matriculados nas salas de Educação de Jovens e Adultos do município de Bauru. Os resultados apresentados nas entrevistas com os Professores confirmaram as expectativas da investigação nos estudos de Paulo Freire que tem a alfabetização como elemento de formação da cidadania, os resultados possibilitaram a construção do perfil de um grupo de educandos. Concluímos também que foi possível desconstruir o mito da não consciência política do analfabeto e a presença de diálogos na prática pedagógica possibilitando a conscientização do Educando.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Voto. Cidadania.

## **Abstract**

### **The question vote for the illiterate adult or little literate**

The Youth and Adult Education is a reality that still stands on the school benches of Brazil. Elderly people historically get more integration in the world when appropriate to the written code. One of the issues that touch this insertion is the right to vote and, more than that, the awareness of the vote of young and adult illiterate or poorly literate. Thus, this project aims to raise through the point of view of this student how he see himself as voter and what is their role in the democratic consolidation of this act, even if he is in the condition of illiterate or poorly literate. Therefore, a qualitative approach to research will be conducted, in which individual audio recorded interviews will be held, later transcribed and the data will be analyzed in the light of the studied literature, based on the writings of Paulo Freire. Will participate as subjects Teachers of EJA and of study the students enrolled in the Education of Young Adults rooms on the city of Bauru. The results shown in interviews with the teachers confirmed the investigation of expectations in the study of Paulo Freire which has literacy training as part of the citizenship , the results allowed the construction of the profile of a group of students. We also concluded that it was possible to deconstruct the myth of non-political consciousness of the illiterate and the presence of dialogue in pedagogical practice enabling awareness of Educating .

**Keywords:** Youth and Adult Education. Vote. Citizenship.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABC</b>	Ação Básica Cristã
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>CEB</b>	Câmara de Educação Básica
<b>CEAA</b>	Campanha Nacional de Educação de Adolescente
<b>CEEJA</b>	Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos
<b>CEJA</b>	Centro de Educação de Jovens e Adultos
<b>CONFITEA</b>	Conferência Internacional sobre Educação de Adultos
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>EMEI</b>	Escola Municipal de Educação Infantil
<b>EMEF</b>	Escola Municipal de Educação Fundamental
<b>ENEJA</b>	Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>FUNDEB</b>	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
<b>MOBRAL</b>	Movimento Brasileiro de Alfabetização
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PBA</b>	Programa Brasil Alfabetizado
<b>PEJA</b>	Projeto de Educação de Jovens e Adultos
<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	12
2 . A construção da Cidadania do Educando Adulto na perspectiva de Paulo Freire.....	15
3. História do Voto do Analfabeto no Brasil.....	18
4. As Políticas Públicas para Educação de Jovens E Adultos no Brasil .....	22
5. Quem são os Educandos da EJA no Estado de São Paulo?.....	26
6. Metodologia.....	32
6.1. Participantes.....	32
6.2. Local da Pesquisa.....	32
6.3. Instrumentos de Coleta.....	33
6.4. Procedimentos de Coleta.....	34
6.5. Procedimentos de Apresentação e análise dos Resultados.....	35
7. Apresentação e Análise dos Resultados. ....	35
7.1. Caracterização dos professores da EJA.....	35
7.2. Percepção dos professores.....	36
7.3. Entrevista com Educandos- Perfil parte 1.....	39
7.4. Entrevista com Educandos- Voto parte 2.....	45
8. Considerações Finais.....	55
Referências.....	58
Apêndice A- Roteiro de Identificação e Caracterização dos Educandos.....	62
Apêndice B- Roteiro de entrevista sobre sua concepção frente à importância, função e valorização voto. ....	63
Apêndice C- Roteiro de caracterização dos professores (a).....	64
Apêndice D- Roteiro de entrevista sobre a concepção dos professores (as) de educação libertadora.....	65
Apêndice E - Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – Educandos.....	67
Apêndice F- Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento- Professores.....	68

## 1. Introdução

A história da democracia brasileira passou por muitas transições, a mais significativa delas é o Voto do Adulto Analfabeto, que ao final do Império teve esse direito negado com a aprovação da Lei Saraiva (1881), na qual se instituía o voto censitário, excluindo a população com menos poder aquisitivo do direito de eleger e ser eleita. A maioria da população acima dos cinco anos nessa época era analfabeta, denunciando assim a precariedade da Educação no país que favorecia apenas a elite. Dessa forma a população que não teve assegurado o seu direito á educação, teve também negado o seu direito a cidadania causando-lhes, dentre outros fatores, uma baixa estima.

As Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos no Brasil começaram a ser implantadas na década de 1940, período em que mais da metade da população brasileira era analfabeta (CERATTI, 2007), mesmo assim os esforços do governo não foram o suficiente para acabar com o analfabetismo no país. Somente a partir dos anos 1985 a 1988 foram implantadas Políticas Públicas obtendo resultados consideráveis.

Antes, porém, nos anos de 1960, antes do período governado pelos militares, Paulo Freire esteve bastante comprometido com a questão da alfabetização de adultos, com suas ideias sobre educação, com suas palavras consideradas estranhas para a época, com sua vontade de conscientizar as pessoas de seu lugar no mundo ele protagonizou momentos significativos na educação e na política de nosso país, com círculos de cultura e diálogos educativos<sup>2</sup>, conscientizou milhares de pessoas em relação ao seu poder enquanto sujeitos de ação, reconstruindo sua autoestima.

Ao destacarmos a história do voto e do analfabetismo no Brasil, podemos constatar como a questão do voto sempre foi cercada do apelo social e econômico. Dessa forma como a maioria dos brasileiros era analfabeta não havia pessoas o suficiente para serem eleitores e serem elegíveis.

---

<sup>2</sup> Círculo de Cultura é uma ideia que substitui a de “turma de alunos” ou a de “Círculo”, porque todos estão à volta de uma equipe de trabalho que não tem um professor ou um alfabetizador, mas um animador de debates que, como um companheiro alfabetizado, participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem. O animador coordena um grupo que não dirige e, a todo o momento, anima um trabalho orientando uma equipe cuja maior qualidade deve ser a participação ativa em todos os momentos do diálogo, que é o seu único método de estudo no círculo (Brandão, 1981, p.43).

Sendo assim, o início dessa pesquisa ocorreu durante práticas educativas realizadas nas salas da EJA espalhadas pelo município de Bauru, as quais têm por base a pedagogia de Paulo Freire. Frente à convivência semanal com os educandos e durante as rodas de conversa, evidenciou-se a necessidade de saber quais os motivos que afastaram esses educandos da escola, e agora qual o motivo de seu retorno à sala de EJA, qual a opinião desses educandos sobre a questão do voto e eleição?

O presente trabalho foi realizado em um Centro Educacional público municipal que atende a modalidade da educação de jovens e adultos, na qual a filosofia de Paulo Freire é que embasa todo o trabalho pedagógico e com uma gestão democrática. Tem como Objetivo Geral levantar, do ponto de vista do educando da EJA, como ele se vê enquanto eleitor e qual seu papel na consolidação democrática deste ato. Objetivos específicos a) Levantar o perfil de um determinado grupo de educandos; b) Levantar suas concepções frente à questão do voto e seu papel na consolidação democrática deste ato; c) Discutir a fala do educando á luz da literatura.

Para tanto, buscamos conhecer o educando da EJA nos dias atuais nas salas de aula do município de Bauru indagando a eles: Quem são de onde vem e onde estão esses adultos? Quais os motivos por não terem terminado os estudos? Como a educação pode ajudar na sua conscientização? Como pensam a questão da democracia e do voto? Que visão eles têm do sistema político.

A metodologia da pesquisa contou uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico com entrevistas individuais, em uma escola de Educação de Jovens e Adultos na cidade de Bauru. Tendo como base esse estudo histórico, foi possível fazer um levantamento atual sobre como o educando das salas de Educação de Jovens e Adultos enxergam a questão do voto.

A realização desse trabalho se fez importante para identificarmos, como a EJA se configura atualmente, após tantas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais ocorridas durante as últimas décadas. E para compreendermos a concepção do adulto analfabeto ou pouco letrado em relação ao voto.

Com este propósito o primeiro capítulo versa sobre a Construção da cidadania do educando adulto na visão de Paulo Freire por meio do diálogo que é realizado não somente pelo educador, mas também pelo educando fazendo assim que não haja somente um professor, mas vários cada um com sua forma de socializar o conhecimento vivido. O segundo capítulo refere-se sobre a história do voto do analfabeto desde o Brasil Colônia passando pela proibição do voto dos analfabetos fossem eles homens brancos, mulheres brancas e pobres. Conversando com os primeiros capítulos, o terceiro capítulo refere-se à história das políticas

públicas para EJA no Brasil uma longa caminhada para garantir a todos uma educação ao longo da vida acompanhada pela trajetória do voto do analfabeto. O quarto capítulo fala sobre quem é o educando da EJA do Estado de São Paulo que buscam na educação melhorar sua qualidade de vida. O quinto capítulo é composto pelo método, com a descrição dos instrumentos, participantes da pesquisa, procedimentos e local de observação. No sexto, é realizada a análise e discussão dos resultados, seguida pelas considerações finais que compõe o sétimo capítulo.

## 2. A construção da Cidadania do Educando Adulto na perspectiva de Paulo Freire

A construção da cidadania está presente em todas as etapas dos círculos de cultura. Desde o momento em que os educadores iniciavam o processo de pesquisa do “universo vocabular” de seus futuros educandos ele afirma que,

A procura temática converte-se assim numa luta comum por uma consciência da realidade e uma consciência de si, que fazem desta procura o ponto de partida do processo de educação e da ação cultural do tipo libertador. (FREIRE, 2005, p. 34).

Paulo Freire acreditava que a leitura do mundo é a chave que abre a porta da leitura da Palavra escrita. No livro “A importância do ato de ler” ele fala como foi sua experiência de alfabetização, assim como é para todo educando da EJA, que primeiro lê as palavras do seu mundo com suas ações, experiências vividas e depois leem as palavras do caderno, palavras essas que estão soltas no mundo.

Em seu artigo “O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe” Freire nos conta como foi a primeira vez que participantes do círculo de cultura leram o mundo deles em uma codificação (desenho).

O grupo de alfabetizandos olhava em silêncio a codificação. Em Certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivessem combinado, e se dirigiram até a parede que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto, atentamente. Depois, dirigiram-se à janela onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entreolharam-se, olhos vivos, quase surpresos e, olhando mais uma vez, a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”. Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam tendo uma experiência diferente: “rompiam” a sua “intimidade” estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua quotidianidade como sujeitos observadores. (FREIRE, 2011, p. 57)

Segundo o autor a Educação de Jovens e Adultos deve ser contextualizada e não alienante, o alfabetizando precisa ser estimulado a aprender a ler e escrever as palavras que ele lê no mundo. Sendo assim, “A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.” (FREIRE, 2011, p. 29).

Para a construção da autoestima do educando da EJA e logo depois de sua criticidade é de extrema importância de que o educador esteja ciente de que a escola não é um ambiente neutro da luta de classes, para isso é necessário que ao ensinar a ler o professor deva valorizar o conhecimento de seus educandos.



No artigo “Diálogos com Paulo Freire em Juazeiro, Bahia: recordações de abril de 1983”, desenvolvido pelo Professor Luiz Gonzaga Gonçalves, ele conta das experiências vividas com Paulo Freire e lembra-se das histórias de lutas e conscientização dos educandos nos lugares onde Freire passou. Essas lembranças nos mostram, que a alfabetização de adultos era só uma pequena etapa da luta nos círculos de cultura antes, porém era preciso aprender seus costumes como um sinal de respeito aos anfitriões. Um trecho do artigo explicita bem isso:

Para nós que vínhamos do Sudeste do país, a experiência cobrava uma atenção constante ao universo de vida, de pensamento próprio daquele contexto cultural. Apesar de falarmos a mesma língua, às vezes, os termos que utilizávamos comportavam conotações ambíguas. Por exemplo, ali não seria atraente convidar a pessoa a “ser sujeito de sua ação”, isso porque localmente isso podia conotar, mais fortemente, a ideia de “ser sujeitado”, subjugado por outro, diferente do que seria assumir a autoria de algo (...). Jamais proferi, por exemplo, a palavra “desgraça”. Pude perceber o grande constrangimento causado quando o bispo, denunciando as injustiças sociais, utilizou o termo, considerado impróprio, num dos recintos familiares por nós visitados (GONÇALVES, 2014, p. 30).

O caráter emancipador do método de Paulo Freire foi experienciado pelo professor Luiz Gonzaga na semana de estudos em Juazeiro, ele conta que pode compreender melhor durante sua experiência de que todos nós podemos aprender juntos tanto como educadores como educandos. Freire não tinha somente a intenção de alfabetizar adultos ele também pensava na pós-alfabetização, por isso dos diálogos educativos onde educadores e educandos aprendiam juntos e ensinavam juntos.

Em outras palavras, Freire incorporava em seu pensamento pedagógico as habilidades e astúcias dos oprimidos, desde quando eram capazes de transformar os sinais inscritos na natureza e na sociedade como referências para a indicação de etapas e de produção de oportunidades favoráveis, para chegarem às conquistas almejadas (GONÇALVES, 2014, p. 32).

Professor Luiz Gonzaga destaca o quanto é importante que todos precisamos nos apropriar da história de nossa cidade, estado e país. Por isso é importante o trabalho de investigação dos educadores do círculo de cultura, ele descreve o seguinte acontecimento:

Em 1988, eu estava coordenando alguns encontros de capacitação de alfabetizadores de jovens e adultos, em Canudos, Bahia. Estávamos vivendo aquela etapa na qual os (as) futuros alfabetizadores (as) buscavam investigar os temas para compor o material básico para o programa de alfabetização. Obtivemos uma grande riqueza de informações em torno de eixos temáticos como: costumes, trabalho, tradições religiosas, festas, formas de convívio, manifestações artísticas etc. (GONÇALVES, 2014, p. 35).

Para que seja possível é necessário o educador estabelecer um limite real para esse educando não se sinta intimidado pelo saber do outro, dessa forma julga-se necessário uma intervenção democrática, tal intervenção acontece por meio da convivência da professora com seus educandos a confiança é chave para quebrar algumas barreiras como a baixa autoestima. “Se a fé nos homens é um dado a priori do dialógico, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo.” (FREIRE, 1987, p.82).

Esse limite real seria utilizar o que eles já sabem e conhecem de maneiras diferentes, ou seja,

(...) é uma das tarefas fundamentais da Educação Popular de corte progressista, a de inserir os grupos populares no movimento de superação do saber de senso comum pelo conhecimento mais crítico mais além do “penso que é”, em torno do mundo e de si no mundo e com ele (FREIRE, 1995, p. 29).

Paulo Freire busca isso em sua filosofia de trabalho, a dialogicidade entre educadores e educandos a alfabetização é a porta de entrada para a conscientização do educando da EJA, na pós- alfabetização o aluno já possui certo domínio da codificação e decodificação agora é necessário que ele se veja com o mundo e dono de sua história.

Paulo freire, como nordestino, como brasileiro, como cidadão do mundo, oferecia-nos, em Juazeiro, a riqueza de um pensamento ocidental progressista e as astúcias dos saberes que emergem da arte de viver, possível aos mais humildes dos homens e das mulheres. O educador pernambucano chegou a um pensamento educacional original, quando foi capaz de associar os pressupostos da pedagogia e a capacidade humana viva, para a investigação e a invenção do que não é fornecido nos livros. (GONÇALVES, 2014, p. 37).

Esse fazer popular pode ser uma união entre educadores e bibliotecas para contar as histórias das personagens reais que vivem nas comunidades passam muitas vezes despercebidas sem que todos saibam o quanto essas pessoas também influenciaram na história de suas cidades.

A construção da cidadania como pode ser vista envolve a vontade, o amor, a responsabilidade, o diálogo e o respeito pelo outro. Mas sem que o professor assuma que a escola não é um meio neutro pouco disso irá adiantar, pois assim essa educação será uma mera reprodução de uma ideologia dominante e alienadora.

### 3. História do Voto do Analfabeto no Brasil.

O processo eleitoral no Brasil se iniciou quando o país ainda era uma Colônia, eram escolhidos os representantes das câmaras municipais, antes intituladas de Ordenações do Reino. O voto do analfabeto não foi desde o início proibido no Brasil, nesse período a pessoa que não sabia ler e escrever podia “cochichar” no ouvido de alguém o nome de seu candidato. Apesar de sofrer algumas restrições, o voto do analfabeto foi preservado até alguns anos antes do fim do Império.

As primeiras normas eleitorais a vigor no Brasil foram as chamadas Ordenações do Reino que compreendiam os Códigos: Afonsino – 1446, Manuelino – 1521 e Filipino; elaboradas em Portugal no fim da Idade Média e utilizadas até 1828, quando foram substituídas pela lei de 1º de outubro do mesmo ano, conhecida como Regimento das Câmaras Municipais do Império. (MACIEL, 2007, p. 10)

Segundo o autor (2007) o ano de 1878 D. Pedro II estava sendo cobrado por eleições diretas no Brasil, convocou o Visconde de Sinimbu para presidir o gabinete liberal, para realizar uma reforma eleitoral pela qual deveria ser inserido o voto direto no Brasil. Foi criado então o projeto Sinimbu que propunha uma reforma eleitoral através da Constituição de 1824 na qual dobrava a renda mínima do eleitor, de duzentos para quatrocentos mil réis, e a exclusão do direito de voto aqueles que não sabiam ler e escrever. Esse assunto já era discutido por outros Deputados, sobre o quanto era importante e de grande responsabilidade votar, que não deveria ser concedido tal direito aos analfabetos, pois assim a democracia seria degradada pelos ignorantes.

No dia 13 de fevereiro de 1879 dá entrada na Câmara dos Deputados o projeto de reforma eleitoral elaborado pelo novo governo. O projeto propõe a reforma eleitoral através de reforma da Constituição de 1824. Duplicando a renda mínima para o cidadão tornar-se eleitor (elevação de duzentos para um mínimo de quatrocentos mil réis), o projeto Sinimbu propõe também a exclusão do direito de voto de todos aqueles que não saibam ler e escrever, condição esta inexistente na Constituição de 1824. (LEÃO, 2012, p.2)

O projeto Sinimbu tinha leis mais rígidas em relação à comprovação de renda, excluindo ainda mais os analfabetos e levando-os a condições de marginalizados, dando ao analfabetismo o caráter negativo que carregam até os dias de hoje. Por isso, em sessão extraordinária foi apresentado no dia 29 de Abril de 1880, o projeto Saraiva que propunha uma reforma eleitoral do novo gabinete, assim tanto eleitores quanto candidatos deviam ter uma renda superior a 200\$ e ser alfabetizado para escrever seu voto na cédula. Sendo assim, o

projeto Saraiva seguiu quase a mesma linha de pensamento do projeto Sinimbu (LEÃO, 2012).

Para o Deputado Rui Barbosa (LEÃO, 2013), ler e escrever eram uma questão de capacidade, inteligência e independência já o analfabetismo era tratado como uma condição de ignorância, cegueira, e não somente ser cego socialmente ele acreditava que os analfabetos eram cegos fisicamente causando assim incapacidade política. Mesmo com isso, pouco foi realizado pela educação da população pobre do país na época (no ano de 1890, 82% da população brasileira acima dos cinco anos era analfabeta). O ministro Lafayette Rodrigues Pereira duvidava das estatísticas, mesmo que fossem reais tais pesquisas seria impossível deixar o país ser governado pela maioria analfabeta.

Para convencer o partido liberal de que a exclusão do analfabeto nada tinha haver com o “censo literário”, Rui Barbosa usava de argumentos muito hábeis, como por exemplo, a possibilidade de melhorar a educação e fornecer uma educação política aos operários para que assim eles pudessem deixar sua condição de “cegueira” e participar da vida política do país.

Para a elite a lei Saraiva (1881) significava muito mais do que a simples exclusão dos analfabetos, era também consolidação dos direitos da Elite brasileira e segurança de que tudo o que todos mais prezavam estariam seguros por haver somente pessoas confiáveis votando e se elegendo. Como nos conta Michele Leão:

É sabido que a maioria do povo brasileiro no momento em que se deu a reforma eleitoral era composta por analfabetos. O objetivo da exigência de saber ler e escrever para ser eleitor não era purificar as urnas, mas sim evitar o alargamento da participação popular. A identificação negativa dos analfabetos como ignorantes, cegos, incapazes e até perigosos confirmar o medo que as elites brasileiras, na sua maior parte latifundiárias e escravistas, tinham de qualquer alargamento do direito de voto. Com a negação do direito de voto às pessoas que não sabem ler e escrever, o analfabetismo passa a ter um aspecto negativo – uma estigmatização que exclui os analfabetos da sociedade. (LEÃO, 2012, p.7-8)

Esses dois projetos evidenciam o quanto à questão do voto e do sufrágio se tornaram algo social e educacional, e como o analfabetismo estava ligado a uma espécie estigma no qual as pessoas possuidoras de tal condição não fossem dignas de confiança. (SILVA, 2010 p. 7). Porém em seu trabalho Rosa Maria Maciel (2007) nos apresenta uma visão diferente da lei Saraiva, ela nos informa que a lei foi instituída principalmente para uma melhor regulamentação do voto, ela também não menciona a proibição do voto do analfabeto.

Foi a “Lei Saraiva” de 1881 que verdadeiramente revolucionou o sistema, estabelecendo eleições diretas, voto secreto, dispensa das cerimônias religiosas e alistamento eleitoral preparado pelo Judiciário. Em razão do sigilo do voto, estabelecido pela Lei n 3.029 de 1881, o lugar onde funcionava a mesa devia ser separado por uma divisória do lugar onde ficavam os eleitores, que entravam à medida que fossem chamados. O voto teria de ser escrito em papel branco ou

anilado, não devendo ser transparente, ter marca, sinal ou numeração. A cédula fechada por todos os lados e com o rótulo referente ao cargo em disputa, deveria ser colocada em um envelope fechado e depositada na urna. Após, o eleitor deveria assinar o livro de presença e, caso não soubesse escrever, outro eleitor indicado por ele poderia fazê-lo. (MACIEL, 2007, p. 15)

Durante a República a exclusão dos analfabetos fora consignada, na primeira Constituição de 1824 a educação era ainda um conceito de exclusão. Sem mudanças também no governo provisório de Deodoro da Fonseca segundo informa o Artigo 1º do decreto nº 6, de 1890.

O período Vargas (1930-1945) é marcado por muitas conquistas e desafios, o primeiro dele é a Revolução de 1930, na qual o governo passa a ser centralizado após o federalismo oligárquico ter recebido severas críticas. Nesse governo provisório de Getúlio Vargas, foi indicada uma comissão de reforma do processo eleitoral em 1932, com a criação do código eleitoral e da justiça eleitoral que é instaurada nas eleições de 1934 muitas mudanças ocorreram, a mais importante delas foi o direito da mulher ao voto, porém os analfabetos continuaram excluídos do direito de votar e serem votados. Como o número de elegíveis era menor quando comparada aos eleitores, os candidatos não podiam contar somente com a fidelidade dos cidadãos por isso o voto era negociado, barganhado ou simplesmente tratado como mercadoria. Os políticos por sua vez, tomavam medidas mais extremas para garantir a subserviência do votante, dando origem a expressões como “voto de cabresto” que mostrava que o voto era uma prova de fidelidade e obediência, retirando qualquer sentido de participação consciente, esse tipo de barganha é proibido hoje no Brasil, mas não é descartada a possibilidade de isso ainda ocorra em cidades interioranas.

Em 1964, o presidente João Goulart escreve uma carta na qual expressa o desejo e uma ponta de esperança de ver reconhecido o voto do analfabeto. Nesse mesmo ano, Castelo Branco propõe o voto facultativo dos analfabetos, principalmente nas eleições municipais. Devido ao cenário político, com a ditadura militar, não foi abolido por completo o voto direto, em alguns estados ainda havia eleições diretas para cargos minoritários, mas mesmo assim os analfabetos eram proibidos de votar. (BRASIL, 2013)

Três anos antes da Constituição de 1988, foi instituída e aprovada a ementa Constitucional nº 25 de, 15 de maio de 1985 regulamentada pela lei nº 7.332 de 1 de Julho de 1985, na qual garante a todos como sinal de igualdade e universalidade. Após 96 anos de regime republicano, fora concedido direito aos analfabetos antes só concedidos aos cidadãos letrados. (BRASIL, 2013)

Mesmo com a reconquista do voto os analfabetos, na Constituição cidadã de 1988 eles continuam inelegíveis, ou seja, o adulto maior de 18 anos analfabeto podia votar, mas não ser votado. Para alguns estudiosos o direito ao voto deveria se estender a elegibilidade da pessoa analfabeta, por haver em cidades pequenas pessoas muito respeitadas e competentes, mas que não podem ser votadas por não saberem ler e escrever. (BRASIL, 2013)

Portanto hoje os analfabetos podem votar facultativamente, mas a ideia excludente ainda permanece nos dias atuais sendo, pautas de discussões em todos os lugares mesmo após 104 anos de batalhas para reconquistarem esse direito.

#### **4. As políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil.**

A história das Políticas Públicas para EJA no Brasil é recente, algumas iniciativas foram realizadas a partir da década de 1940 com campanhas, serviços e encontros, tais como congressos e seminários preparatórios, também com movimentos de alfabetização com a corroboração do Professor Paulo Freire. Porém as iniciativas mais expressivas ocorreram a partir de 1985, com maior ênfase na Constituição Federal de 1988.

A partir de 1940 é que a educação de Jovens e adultos passa a ser vista como um problema nacional, sendo reconhecida e recebendo um tratamento particular. Nesse período a educação de adultos era voltada para transformá-los em eleitores em potencial, mas quase nessa mesma época a UNESCO faz uma denuncia da desigualdade na Educação entre os países principalmente na educação de jovens e adultos. Devido ao crescente número de analfabetos no país, em 1947 foi instalado um Serviço de Educação de Adultos (SEA), movimento que se estendeu até o fim da década de 1950 com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), com grande influência sob os estados e municípios. Houveram outras duas campanhas organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura; Campanha Nacional de Educação Rural, ambas criadas para erradicação do analfabetismo no Brasil, mas tiveram vida curta e pouco realizaram (HADDAD, PIERRO, 2000).

A expansão dos direitos sociais de cidadania servia como forma de cessar um pouco as tensões entre as classes sociais, e a promoção do Brasil como uma nação desenvolvida que pensa na educação de seus jovens e adultos analfabetos. Todos os esforços fizeram diminuir os índices de analfabetismo de pessoas acima dos cinco anos no Brasil. Nos primeiros anos da década de 1960 ocorreram grandes momentos especiais no campo da educação de jovens e adultos, como a realização de Congressos Nacionais de Educação de Adultos e Seminários preparatórios para tais congressos, não podemos esquecer Paulo Freire que tanto trabalhou pela educação desses jovens e adultos, para ele não era o suficiente saber ler e escrever, é preciso ser consciente de sua participação no mundo enquanto pessoa (CERRATI, 2007).

No período de 1959 a 1964 houve campanhas e programas no campo da educação de adultos como: Movimento de Educação de Base, Campanha de Pé no Chão e finalmente em 1964 o Programa de Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura contando com a presença do Professor Paulo Freire. Até então a educação de adultos era conhecida como um plano totalmente Pedagógico, mas à medida que o cidadão ia tomando conhecimento universal passou-se a ter uma ação conscientizadora e organizativa atribuindo-

lhe valorização do saber popular. O método criado por Freire visava não somente a alfabetização, mas também considerar seus saberes cotidianos os tornando também educadores. (CERRATI, 2007).

Um dos pressupostos de seu método é:

[...] Procurávamos uma metodologia que fosse um instrumento do educando, e não somente do educador, e que identificasse- como fazia notar acertadamente um sociólogo brasileiro- o conteúdo da aprendizagem como processo mesmo de aprender. Daí, nossa descrença inicial em relação aos abecedários que pretendem oferecer a montagem dos signos gráficos, reduzindo o analfabeto ao estado de objeto e não de sujeito de sua própria alfabetização. Tínhamos, por outro lado, que pensar em limitar o número de palavras, fundamentais chamadas geradoras, na aprendizagem de uma língua silábica como a nossa (FREIRE, 2005, p. 38-39).

Com golpe militar houve uma ruptura entre a política e a educação, o Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido assim como a Campanha De Pé no Chão e suas principais lideranças foram presas, as práticas educativas que auxiliavam na valorização do saber popular sofreram rupturas por serem consideradas subversivas. Mas a educação de Adultos não foi totalmente abandonada, pois era uma forma do governo militar ter um contato com a população, um dos programas mantidos por ter um caráter conservador foi a Cruzada de Ação Básica Cristã, nascida no Recife esse programa ganhou caráter nacional, porém uma série de críticas a partir de 1968 resultou na extinção do programa nos estados. O governo necessitava manter um vínculo com a sociedade eles também tinham de manter a promessa de um país grande seria difícil já que o país tinha baixos níveis de escolaridade para tal foi criada a Fundação MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) em 1967 que buscou ser um pouco diferente do grupo ABC (Ação Básica Cristã) programa que recebeu muitas críticas por isso a fundação resolveu se configurar como um programa que atendesse tantos os objetivos políticos quanto os da comunidade escolar, logo depois a presidência do Mobral foi entregue ao economista Passarinho que buscou vender a ideia para os grandes empresários, porém com o passar dos anos o projeto foi obtendo fracassos nos objetivos de erradicação do analfabetismo e passou por metamorfoses para visar sua sobrevivência com projetos de expansão da educação comunitária para educação infantil (HADDAD, PIERRO, 2000).

Para continuar com os êxitos do Mobral foi regulamentado o Ensino Supletivo no Capítulo VI da Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional de Número 5.692 de 11 de agosto de 1971. O Supletivo tinha como objetivo suprir a escolarização regular e promover crescente oferta de educação continuada. Por sua flexibilidade o ensino supletivo seria uma



nova chance de acompanhar a modernização da sociedade, ao relacionarmos com o sentido político a educação de adultos no período militar, de modo que mantivesse os vínculos com a sociedade nacional e internacional.

As políticas públicas de educação são implantadas no Brasil a partir de 1985 e 1999, após o militarismo, como o país é uma república federativa a implantação de políticas é muito complexa, pois cada estado e município são responsáveis pela sua política de educação básica. Assim na constituição de 1988 é garantido o direito a Educação a todos aos cidadãos brasileiros de acordo com o Art. 208 que assegurava a oferta do Ensino fundamental gratuito para todos aqueles que não tiveram oportunidade ou acesso a ele na idade própria. (CERATTI, 2007).

Nesse período de tempo Paulo Freire retorna de seu exílio e encontra o cenário brasileiro mais fértil em relação à educação, com conferências e estudos destacando-se, assim ele vê uma grande possibilidade de trabalhar com a educação popular na conscientização dos adultos, também o maior ingresso de crianças entre 10 e 14 anos no ensino fundamental as taxas de analfabetismo revelam uma leve queda também no período de 1980 a 1991(CERATTI, 2007).

Para a real erradicação do analfabetismo no Brasil foram tomadas algumas posições e compromissos firmados na Conferência Mundial sobre Educação para todos- 1990 a 2000, realizada em Jontien, Tailândia. Segundo Márcia Rodrigues Neves Ceratti, o objetivo desta seria a intervenções positivas nos altos índices de analfabetos de todo o mundo chegando a mais ou menos 1 bilhão, dos quais 60 milhões são de meninas e mais de dois terços dos adultos são de mulheres, assim um dos objetivos mais urgentes dessa conferência é a garantia de Acesso Universal a Educação e a conclusão de educação fundamental até o ano 2000, uma de suas metas que mais explicita essa necessidade, principalmente na alfabetização de adultos é essa:

Redução da taxa de analfabetismo adulto à metade, digamos, do nível registrado em 1990, já no ano 2000 (a faixa etária adequada deve ser determinada em cada país). Ênfase especial deve ser conferida à alfabetização da mulher, de modo a reduzir significativamente a desigualdade existente entre os índices de alfabetização dos homens e mulheres (UNESCO, 1990, apud, CERATTI, 2007, p. 6).

Mas infelizmente apesar da Conferência e de tanto outros encontros e fóruns terem ocorrido durante a década de 1990 os países não cumpriram com os acordos assinados, o número de analfabetos salta mais uma vez principalmente entre as mulheres de acordo com Ceratti (2007, p.7) ainda há no mundo 125 milhões de crianças fora da escola e 880 milhões de adultos, em sua maioria população pobre de países pobres analfabetos. Esses mesmos

países se recusaram a separar uma pequena percentagem de seu PIB para educação agravando cada vez mais a situação.

Como meio de amenizar a crise mundial na Educação que se instalava, a UNESCO realizou a V CONFINTEA em Hamburgo, na Alemanha para reforçar o combate ao analfabetismo, que já era uma ideia pré-moldada na Conferência de Educação para todos de 1990. O principal objetivo da CONFINTEA é a Educação ao longo da vida visando não somente a Educação de Jovens e Adultos, mas todas as outras modalidades de ensino contribuindo com atividades socioculturais, de formação para a cidadania. Como consequência dela houve a elaboração de um documento nacional com o diagnóstico, princípios, compromissos e planos de ação. Marcando assim o ressurgimento da EJA e de uma série de encontros nacionais, intitulado ENEJA com sua primeira edição em 1999 no Rio de Janeiro (PORCARO, 2007).

Nas Diretrizes Curriculares para EJA de 2000, a educação de Jovens e Adultos é considerada como um direito social à cidadania na lei de nº 9.394/96. No capítulo II afirma que a EJA faz parte do ensino fundamental e médio. Como consta na seção V desse capítulo o art. 37:

A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderem efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, essas condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola (BRASIL, 1996).

Assim o Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB), através do parecer nº 11, de maio de 2000, e da Resolução nº 1 de 5 de Julho, reconhecem a dividida social para com os Jovens e Adultos que não tiveram acesso a escolarização e outros bens sociais. Com suas indicações sobre a elaboração das Propostas Pedagógicas, marcando o início da elaboração das Diretrizes curriculares estaduais para EJA. Os documentos deixavam claro que a Educação de Adultos é para adultos, sendo assim o caráter metodológico tem de respeitar o educando adulto não o tratando como crianças, os conteúdos e assuntos desenvolvidos na sala de aula devem ser contextualizados com o saber do adulto. Sendo assim:

[...] A regra metodológica é: descontextualizá-los da idade escolar própria da infância e adolescência para, apreendendo e mantendo seus significados básicos recontextualizá-los na EJA. Mas para isto é preciso ter a observação metodológico-política (...) a diversidade da escola média é necessária para contemplar as

desigualdades nos pontos de partida de seu alunado, que requerem diferenças de tratamento como forma mais eficaz de garantir a todos um patamar comum nos pontos de chegada. Uma destas diversidades se expressa nos horários em que a EJA é oferecida, especialmente o noturno (Apud BRASIL, 2000, CERATTI, 2007, p. 13).

Em 2001 no PNE (Plano Nacional de Educação) para EJA o governo assumiu o compromisso na Conferência Mundial sobre Educação para todos, com objetivo de alfabetizar 10 milhões de adultos em cinco anos. Nesse ano o Brasil tinha 16.295 milhões de analfabetos, para atingir o objetivo foram elaboradas 26 (vinte e seis) metas no PNE, das quais três são mais relevantes para EJA.

### 5.3 Objetivos e Metas

1. Estabelecer, a partir da aprovação do PNE, programas visando a alfabetizar 10 milhões de jovens e adultos, em cinco anos e até o final da década, erradicar o analfabetismo.
2. Assegurar, em cinco anos, a oferta de educação de jovens e adultos equivalente às quatro séries iniciais do ensino fundamental para 50% da população de 15 anos e mais que não tenha atingido este nível de escolaridade.
3. Assegura, até o final da década, a oferta de cursos equivalentes às quatro séries finais do ensino fundamental para toda a população de 15 anos e mais que conclui as quatro séries iniciais (BRASIL, 2001).

Em 2003 o Governo Federal propôs a Universalização da Educação Básica, para EJA foi proposto um alongamento para assegurar a formação educacional básica o combate ao analfabetismo. “A Política Nacional de Educação Profissional ficou apoiada em três eixos: a EJA, a Educação Profissional e a Geração de Renda. Uma Política voltada não só para o Jovem, mas também para os adultos que não tiveram acesso à escola ou que não concluíram na idade apropriada sua escolarização.” (LEITE, 2012, p.3). No deste mesmo ano a EJA vislumbrando caminhos diferenciados para garantir um melhor acesso a Educação Básica, ensino médio e Técnico, utilizou das metodologias de programas Nacionais tais como: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), a Política Nacional de Juventude, o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLDEJA), o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) entre outros.

Segundo Sandra Fernandes Leite esses programas possuem um cunho muito mais técnico, os programas nacionais de alfabetização hoje voltados cada vez mais para os jovens sendo eles: o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), o Programa Brasil Jovem, o Programa Sentinela, o Programa para a Juventude, o Plano Presidente Amigo da Criança e do Adolescente, o Programa de Proteção Social à Infância, Adolescência e

Juventude (Agente Jovem), o Programa Escola de Fábrica, a criação e consolidação da Secretaria Nacional de Juventude, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego, a instalação e consolidação do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve). (LEITE, 2012).

O quadro a seguir sintetiza o ano em que as Políticas Públicas foram criadas e colocadas em ação relacionando com o total populacional e os índices de analfabetismo em cada década ou ano.

**Tabela 1- Índice de analfabetismo e as Políticas Públicas implantadas.**

Ano/Década	População (total)	Analfabetos	Índice de Analfabetismo	Ano/Implantação da Política
1940	23.648	13.269	56,1%	1947- SEA
1950	30.188	15.272	50,6%	1950- CEAA
1960	40.233	15.964	39,7%	1960- ABC
1970	53.633	18.100	33,7%	1970- MOBREAL/ SUPLETIVO
1980	74.600	19.356	25,9%	1985- EDUCAR
1991	94.891	18.682	19,7%	1990-V CONFITEA
2000	119.533	16.295	13,6%	2000- DCN
2010	144.824	13.941	9,63%	2011-PNE
2013	201, 500	13.0000	8,3%	PNE

Fonte: Quadro elaborado a partir dos estudos de CERATTI (2007).

As Políticas Públicas criadas para EJA não podem ser vistas como um remédio, mas como uma conquista diante da realidade deplorável da sociedade na qual vivemos. O índice de analfabetismo no Brasil ainda é alto, dessa forma se faz necessário muito mais do que a elaboração leis bem planejadas é preciso que haja uma mudança na Educação desde a o Infantil até o Ensino médio para que não haja evasão escolar, assim tornando-a uma Educação ao longo da vida que prepara o educando não somente para o mercado de trabalho, mas que o torne sujeito de sua história.

## 5. Quem são os Educandos da EJA no Estado de São Paulo?

Os educandos do Estado de São Paulo, pode-se dizer que são uma mistura de todos os outros estados do Brasil como se pode observar na caracterização dos educandos entrevistados a maioria deles vem do nordeste brasileiro, que por motivos sociais e culturais não conseguiram estudar eles são provenientes do campo e periferias dos centros urbanos, são trabalhadores proletariados, donas de casa, desempregados, jovens, idosos e pessoas com deficiências, sejam elas D.I (Deficiência Intelectual), D.A (Deficiência Auditiva), D.F (Deficiência Física) e TGD (Transtorno Global de Desenvolvimento). Todos buscam na escola uma oportunidade de melhorar sua qualidade de vida, ascensão profissional e qualidade social.

Marta Kohl de Oliveira em seu artigo publicado pela Revista Brasileira de Educação apresenta o perfil do adulto que volta estudar:

O adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar, ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiências no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetiza-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. (OLIVEIRA, 1999 p. 59).

Quando nos questionamos sobre o real desejo do adulto analfabeto de aprender a ler e escrever, os associamos a estereótipos. Mas segundo Arena (2010, p. 54) “É preciso fugir dos estereótipos” o mais comum é ler letreiro de ônibus. As razões para aprender ler e escrever muitas vezes causa surpresa em alguns, por verem pessoas com idade acima dos 60 anos voltando para escola para estudar.

No caso homens principalmente os idosos seus desejos de aprender ler e escrever são de raízes históricas, por desempenharem papéis sociais e religiosos também há uma questão patriarcal.

O primeiro, como cidadão, para assinar e lidar com os mecanismos de identificação em documentos, cartões, carnês e outras produções sociais mais recentes. O segundo, como crente. Esse segundo processo, de natureza histórica, parece ser o botão propulsor da volta do idoso aos bancos, isto é, o projeto de se tornar um crente fervoroso, não um meio-crente, que não saberia ler versículo da Bíblia nem saberia copiá-los para decorar em conversas com outros, também crentes (ARENA, 2010, p. 54).

Segundo Arena (2010) as mulheres idosas por sua vez procuram as salas de alfabetização por um sonho de infância o de ser professora.

Os desejos da mulher idosa rural- um substantivo e dois qualificativos que a identificam historicamente como estereótipo da discriminação- é dirigido para um modo de ler que eleger, como modelo de saber ler, a leitura com os olhos, rápida e seletiva, própria dos professores, dos letrados, dos padres e dos professores de catecismo. Seu sonho para ser o de se tornar professora, nem que seja dos netos, em aulas de catecismo, no chão do quintal. (ARENA 2010, p. 56).

A escola para esses alunos é um ambiente de sociabilidade e interação, por isso eles criam laços de confiança com suas professoras. Por trazerem consigo experiências vividas na sala de aula ocorre aquilo que Paulo Freire falava, o educador se torna educando e o educando se torna educador. Quando voltam à escola esses merecem tratamento diferente ao dado para crianças, os métodos utilizados para alfabetizar o adulto não devem ser iguais aos métodos que remetem a infância. O Educando adulto que chega à escola vem de um dia exaustivo de trabalho ou é uma mãe dona de casa que precisa estudar para ajudar o filho nas tarefas escolares. É importante uma alfabetização com maior flexibilidade, que trabalhe com a realidade e com as experiências dessas pessoas.

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (OLIVEIRA, 1999, p. 60- 61).

Não podemos esquecer o jovem que não terminou os estudos, pois foi excluído pelo sistema escolar quando criança por motivos das mais diversas ordens. Esses jovens, por sua vez, têm um maior envolvimento com a sociedade letrada e são incorporados ao ensino supletivo.

Os alunos jovens às vezes, ultrapassam a idade estabelecida para estudar diurno, Nas suas trajetórias escolares interrompidas com sucessivas reprovações e que este não parece fazer muita questão de "passar de ano" (alguns alunos), eles já foram negados na da escola básica, muitos deles são repetentes desde sua vida infantil, e são levados a estudar a noite por ser problemático no diurno, sente-se fracassados por ter sua permanência na escola com evasão com tanta frequência. Não há como deixar de pontuar a questão da exclusão Social da Juventude pobre e limitada Fica evidente que a escola vive uma crise, o que é mais preocupante é ver que essa crise torne habitual, um descaso social, mas não é impossível de encontrar algumas alternativas e colocar em prática. (FARIA, 2010, p. 9)

Uma educação com maior flexibilidade, adequação e adaptação são direitos de todos os alunos dos níveis de aprendizagem. Algumas professoras do CEJA – Centro Educacional

de Jovens e Adultos de Bauru relataram casos de alunos que trabalham 15 dias no período noturno e 15 dias no período diurno e se mostram com grande vontade de voltar a estudar, mesmo assim sua matrícula é mantida respeitando o tempo de cada aluno, assim não correrá o risco de haver evasão escolar e esse educando poderá manter um laço de confiança com sua educadora. Compensando de alguma forma a injustiça social sofrida por ele.

O aspecto do aluno trabalhador que chega às vezes tarde na escola, cansado e com sono e querem sair mais cedo, isso quando eles vêm para a aula. Eles acham que não são capazes de acompanhar os programas ou que o programa não traz a realidade para o seu cotidiano, são vários os motivos para evadirem. O aluno trabalhar defende o prazer de aprender, e lamento faltarem, eles desistem porque precisam trabalhar. O trabalho é mais importante, é uma necessidade para o que precisam, há uma questão difícil de resolver, ou consistir em combinar escola e trabalho. Essa combinação também é problema do ponto de vista do docente, da grade curricular, da própria gestão da escola, causando desconforto para esses jovens e adultos que estudam no horário da noite. O não reconhecimento da heterogeneidade no aluno da EJA contribui para aprofundar as desigualdades educacionais ao invés de combatê-las. (FARIA, 2010, p. 10)

De acordo Arena (2010) os alunos da EJA se constituem principalmente de senhoras com mais de 50 anos que foram impossibilitadas de estudar quando crianças, pois eram consideradas inferiores aos filhos homens, essas mulheres viveram sua infância e adolescência ajudando em casa.

Notoriamente, as mulheres idosas são predominantes nas salas de alfabetização dos projetos como os da Unesp, por razões que nesta altura do capítulo não é necessário abordar, exceto a de que historicamente foram discriminadas para fortalecer o poder do homem. São recorrentes os depoimentos a respeito da impossibilidade de estudar por proibição do pai, principalmente entre mulheres cuja infância e adolescência foram vividas em ambientes rurais ou quase rurais (ARENA, 2010, p. 51).

Fruto de períodos de estágio no Ensino Fundamental, foi possível verificar que hoje as salas da EJA, na cidade de Bauru, recebem um grande número de pessoas com Deficiência, a maioria tem idade entre 16 e 40 anos alguns passaram a infância enclausurada em suas casas ou em instituições. Alguns desses adultos com deficiência que chegam a EJA ainda não foram alfabetizados e por isso o trabalho da professora da sala de educação especial deve ser cooperativo com a professora da sala comum. É importante salientar que a intenção da escola para com esses sujeitos não é de normalização, mas sim flexibilização adequação e adaptação do ambiente e do currículo escolar para que eles sejam tratados com dignidade.

Vale ressaltar aqui que a inclusão de alunos com deficiências em salas de EJA pode ser considerada um avanço nas lutas pela igualdade de direitos e, principalmente, no

que diz respeito ao acesso ao sistema regular de ensino. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que não basta apenas incluir, ou integrar no sistema regular, é necessário implantar no contexto da realidade educacional ações que justifiquem a efetividade desse acesso de forma que não seja visto e entendido apenas como um espaço de convívio social e sociabilidade, mas que a escola venha cumprir com seu caráter educativo (ZANATA, 2004 p. 157).

É muito perceptível o empenho com o qual eles chegam à escola a sede de aprender é muito grande, igual a dos adultos sem deficiência as diferenças acabam no momento em que todos estão trabalhando juntos para aprender. Carvalho (2013), em se tratando da questão da exclusão sofrida por eles dado ao preconceito aponta que é importante retirarmos da mente a vontade de normalizarmos tudo e todos, pois isso não existe ninguém é completo e perfeito, todos temos alguma limitação e ela precisa ser vista não como um empecilho, e agora esses educandos enxergam na escola a possibilidade de descobrir um mundo novo com novas experiências a serem vividas.

Alguns dos adultos com deficiência já possuem certa independência eles viajam sozinhos para chegar à escola, outros já foram casados tiveram filhos e agora tem netinhos, também há aqueles que vivem com os pais que apesar da idade ainda possuem o cognitivo de uma criança e esses precisam aprender na escola a “viver” de forma independente. Como os adultos sem deficiência alguns deles vão a escola para conseguirem um trabalho, para ter uma independência maior, para atuar na sociedade como sujeitos da ação e também simplesmente para sair de casa conhecer pessoas novas e fazer tarefas diferentes das quais estão acostumados em casa. Podemos constatar que a EJA é bem heterogênea fornecendo a educadora um grande desafio de preparar atividades de acordo com as necessidades e prioridades de cada um de seus educandos.

Viver o cotidiano da Educação Especial no contexto da Educação de Jovens e Adultos permite-nos uma análise destas duas modalidades de educação de forma a perceber como acontece o processo de inclusão de cidadãos duplamente excluídos socialmente, ou melhor, cidadãos que ao longo de suas histórias de vida lutam contra a situação de marginalizados e objetivam suas inserções na sociedade, assumindo o lugar que lhes cabe como protagonistas de suas próprias histórias (LIMA; SILVA; 2013 p. 452 Apud BASTOS, 2009, p.25).

Ao longo da história da EJA as vidas e também os aprendizados são inúmeros, a heterogeneidade de alunos é muito grande, porém os objetivos são muito parecidos todos buscam sua independência. Esses são os educandos, Jovens, Adultos, idosos alguns com deficiências, com suas características específicas e ao mesmo tempo tão parecidas entre si com o desejo de aprender para conquistar seu lugar com o mundo e para o mundo.



## **6. Metodologia**

De acordo com Sampieri (2013) a pesquisa qualitativa tem como foco compreender e entranhar-se nos fenômenos explorados a partir da concepção dos participantes em um ambiente natural em relação a circunstâncias.

Optou-se, inicialmente, pela pesquisa bibliográfica para a revisão da literatura sobre a temática com o intuito de colocar o pesquisador com os estudos já realizados sobre o tema. Utilizou a pesquisa empírica com o objetivo obter hipóteses informações e conhecimentos sobre uma determinada problemática.

Num segundo momento, buscou acompanhar a realidade educacional da instituição por meio de questionários e fichas de entrevistas entregues aos professores e entrevistas realizadas com os educandos, visando compreender como se dá prática escolar diante da questão do voto. Este estudo teve o período de seis meses que garantiu à pesquisadora a condição de acompanhar as impressões de seus entrevistados.

Assim, tomamos por base Lakatos e Marconi (2008) os quais subentendem que a pesquisa de campo descritiva é composta por dados coletados por instrumentos diversos como questionários, entrevistas, formulários de observação entre outros, e consiste em levantamentos ou observações sobre fatos, fenômenos ou problemas que devem ser registrados, analisados, classificados e interpretados.

### **6.1 Participantes**

Participaram deste estudo seis educandos votantes, denominados por E1, E2, E3, E4, E5 e E6. Participaram também cinco professores da Educação de Jovens e Adultos, de escolas públicas municipais de Bauru denominados por P1, P2, P3 e P4. Tais denominações visam preservar as identidades dos entrevistados. Todos os professores e alunos foram convidados a participarem espontaneamente da pesquisa.

### **6.2 Local da pesquisa**

Este trabalho foi realizado no CEJA, (Centro de Educação de Jovens e Adultos) conta com uma sede administrativa, e 37 salas de aula alocadas em 10 polos educacionais vinculados construídos especificamente para os educandos da EJA. Atende uma população

heterogênea, quanto a: idade; sexo; estado civil; fator socioeconômico; nível de aprendizagem; necessidades educacionais especiais; menores em liberdade assistida, alunos transferidos do sistema Regular de Ensino com defasagem idade/série.

As salas de Educação de Jovens e Adultos estão disponíveis por toda a cidade facilitando assim o acesso do educando, divididas nos períodos matutino, vespertino e noturno, essas salas EMEI's, EMEF's, Pólos de Alfabetização e outras unidades como centros comunitários, projetos e igrejas.

Especificamente a sala de aula foco do trabalho, está alocada no salão paroquial de uma igreja católica, espaço também destinado às aulas de catecismo nos finais de semana, como a sala de aula é ampla e tem boa iluminação, os banheiros e a cozinha de fácil acesso, está adequado a receber os educandos jovens e adultos.

### **6.3 Instrumentos de coleta.**

Com a intenção de atingir os objetivos propostos: levantar, do ponto de vista do educando da EJA, como ele se vê enquanto eleitor e qual seu papel na consolidação democrática deste ato como objetivo geral. Objetivos específicos a) Levantar o perfil de um determinado grupo de educandos; b) Levantar suas concepções frente à questão do voto e seu papel na consolidação democrática deste ato; c) Discutir a fala do educando á luz da literatura.

Tivemos como instrumentos para coleta de dados da pesquisa: a) uma ficha de identificação e caracterização dos professores e alunos visando traçar seu perfil. b) para o educando da EJA, entrevista com questões versando sobre sua concepção frente à importância, função e valorização ou não do voto; c) questionário fechado para os professores da EJA com questões versando sobre a importância, função e valorização ou não do voto do educando.

Nas entrevistas, partimos do pressuposto de deixar os entrevistados contarem suas impressões sobre a questão do voto e sobre a educação a partir dos pressupostos de Paulo Freire, mas para que não houvesse grandes discussões em relação a políticas alguns questionamentos nortearam essas entrevistas, apresentados a seguir:

Foram dois roteiros de entrevistas dos educandos, o primeiro visava caracterizá-los, saber a idade, gênero, etnia, sua cidade e estado natal, no questionário havia também questões sobre trabalho e o bairro onde eles residem e qual o seu papel dentro de sua comunidade (Apêndice A).

O segundo questionário foi uma entrevista na qual o educando era questionado sobre o voto com perguntas simples como por ex: Você tem título de eleitor? Essa questão é muito importante principalmente na EJA, pois os analfabetos possuem o direito do voto facultativo desde que comprovem que não foram alfabetizados ainda (Apêndice B).

O roteiro de entrevista dos (as) professores (as) questões que visavam caracterizar os professores com questionamentos sobre sua formação acadêmica, o nível de ensino no qual eles lecionam para levantar um perfil desses profissionais (Apêndice C). Também foram elaboradas duas questões em relação a sua prática dentro da sala de aula, sobre a valorização do saber do educando da EJA (Apêndice D).

#### **6.4 Procedimento de coleta de dados**

Foi realizada uma reunião com a diretora do CEJA Bauru para solicitar a autorização para realizar a coleta dos dados, na qual recebemos um parecer positivo, mas com a promessa de haver uma devolutiva e acesso a todas as entrevistas dos educandos para que o CEJA possa utilizar como material também.

Na semana seguinte durante um dos encontros do grupo de estudos CEJA, CEEJA- Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos, PEJA- Projeto de Educação de Jovens e Adultos, PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Educação Popular realizado na UNESP quinzenalmente sob Coordenação da Professora Doutora Eliana Marques Zanata e o Professor Doutor Antônio Marques docentes do Departamento de Educação da UNESP-Bauru, foram distribuídas as fichas de caracterização dos docentes da EJA, junto com o termo de livre esclarecimento antes, porém foi explicado aos presentes que se tratava de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso orientada pela Professora Eliana Zanata. Algumas professoras não puderam responder no momento do encontro por esse motivo as fichas e os termos foram encaminhados para o CEJA.

Para entrevista com os educandos antes conversamos com a professora responsável pela sala, a qual entrou em contato com sua substituta para que pudéssemos realizar a pesquisa. Ao chegar à escola, situada nas dependências de uma igreja católica, fomos devidamente apresentadas aos alunos e explicamos a todos como seria a entrevista, os alunos foram muito solícitos todos aceitaram ser entrevistados, assim que explicamos a professora nos levou até a igreja onde nós realizamos as entrevistas. Mesmo sendo devidamente apresentadas recebíamos um por um dos alunos e explicávamos novamente o que fomos fazer

ali, os alunos da EJA tem essa característica por serem mais velhos desconfiam de tudo alguns mais do que os outros.

As entrevistas foram gravadas em áudio, no início a timidez era perceptível, mas momentânea, eles logo se soltavam, a penúltima educanda a ser entrevistada ficou muito a vontade e nos contou praticamente toda sua vida demonstrando total confiança contou como sofre por não saber ler e escrever durante um longo período de sua vida e o quanto a professora a ajudou a superar algumas dificuldades. A primeira educanda nos surpreendeu ao falar sobre sua luta política inspirada no filho que pertence a um partido e que luta por melhores condições de trabalho para trabalhadores rurais.

O termo de livre esclarecimento foi assinado por eles com a ajuda da professora para evitar algum constrangimento em assinar perto de estranhas, assim a professora explicava o que era o termo e eles assinavam. As entrevistas com os alunos tiveram a duração de 3 horas, havia poucos alunos na sala por ser quase período de férias.

#### **6.5. Procedimento de Apresentação e Análise dos resultados.**

Os resultados da coleta serão apresentados visando atingir os objetivos propostos. A partir da análise dos roteiros de caracterização entregue aos professores que atuam e alunos que frequentam as salas de EJA do município de Bauru. Os dados de caracterização foram apresentados em quadros, e as entrevistas sobre a prática educativa e o voto foram transcritas e categorizadas de acordo com as questões propostas. Em seguida foi apresentada a discussão dos resultados. Todos os resultados obtidos e sistematizados acompanham uma análise a luz da literatura estudada.

### **7. Apresentação e Análise dos Resultados**

A seguir serão apresentados os resultados referentes às propostas descritas nos objetivos desta pesquisa. Divididos por etapas da seguinte forma: Caracterização dos professores da EJA; Percepção dos professores; Entrevista com os Educandos- Perfil Parte 1; Entrevista com Educando- Voto Parte 2.

#### **7.1 Caracterização dos Professores da EJA**

O quadro a seguir aponta brevemente o perfil dos professores entrevistados:

### Quadro 1 – Caracterização do perfil do professor da EJA

Sexo	Data de nascimento	Formação acadêmica	Nível de ensino em que Leciona
Feminino	10/11/1961	Psicopedagogia	Educação Infan./ EJA
Feminino	24/04/1964	Graduação em Pedagogia e espec. em D.I. e Psicopedagogia	Educação de Jovens e Adultos (EJA)
Feminino	15/05/1971	Especialização em Didática do Ensino Superior	Educação de Jovens e Adultos (EJA)
Masculino	23/06/1956	Magistério 2º grau e Psicologia	Ensino Fundamenta1 e EJA

## 7.2 Percepção dos professores

Aos professores foram feitas duas questões pontuais sobre a questão foco deste estudo conforme descrito nos quadros a seguir:

### Quadro 2 – Os saberes da experiência existencial dos educandos

<b>MUITOS DOS ADULTOS ANALFABETOS OU POUCO LETRADOS JULGAM SEUS SABERES INFERIORES AOS SABERES DOS (AS) PROFESSORES (AS): COMO É VALORIZADO O SABER DO EDUCANDO ADULTO DENTRO DA SALA DE AULA?</b>	
<b>P1</b>	Dentro da sala de aula o saber do educando é sempre valorizado, pois partimos desses saberes para organizarmos a sistematização da aprendizagem. O professor aprende muitas coisas com os alunos da EJA, dentro da sala de aula existe troca de saberes.
<b>P2</b>	Os conteúdos trabalhados são selecionados a partir da realidade do aluno.
<b>P3</b>	Principalmente ouvindo-os e tornando sua fala parte do espaço da aula.
<b>P4</b>	Existe sempre uma troca de saberes, pois o saber disciplinar ou técnico pode ser apropriado pelo aluno, enquanto para o professor o saber do aluno é fonte de experiência de vida.

Fonte: elaborado pela autora

### Quadro 3 – A sala de aula como um ambiente de Conscientização

<b>SEGUNDO PAULO FREIRE “NÃO BASTA DIZER QUE A EDUCAÇÃO É UM ATO POLÍTICO ASSIM COMO NÃO BASTA DIZER QUE O ATO POLÍTICO É TAMBÉM EDUCATIVO. É PRECISO ASSUMIR A POLITICIDADE DA EDUCAÇÃO.” (FREIRE, 1995, P. 46). COMO VOCÊ VÊ O ESPAÇO DA ESCOLA, COMO UM MEIO NEUTRO OU COMO UM LUGAR ONDE A LUTA DE CLASSES ESTA IMPLÍCITA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR. DE SUA OPINIÃO.</b>	
<b>P1</b>	A sala de é um lugar onde as lutas de classe podem se organizar e lutar por seus direitos, pois procuramos desenvolver a cidadania de nossos alunos e discutir assuntos que são nossos deveres ou direitos enquanto cidadãos. O analfabeto pode não dominar os códigos da escrita, pensa e age como pessoa e consegue saber o que é bom ou ruim para eles se bem orientado não se deixa enganar.
<b>P2</b>	A escola trabalha a cidadania do individuo, conseqüentemente ocorre à politização.
<b>P3</b>	Hoje não há luta de classe declarada, o que vejo é o desejo de bens de consumo entre classes o que pode causar conflitos.
<b>P4</b>	Os estudos da EJA são essencialmente políticos. Por isso Freire foi exilado. É necessário trabalhar sempre as questões democráticas, participação de associação de moradores, sindicatos e câmaras, etc.

Fonte: elaborado pela autora.

Os professores e professoras da EJA possuem uma característica específica que os diferenciam dos professores de outros níveis de ensino e essa característica são seus educandos, homens e mulheres que viveram muitas coisas. Que ao chegar à escola tem objetivos claros o aprender ler e escrever para eles já não é uma imposição de seus pais, mas um sonho que esse professor e professora ajudaram a realizar, dessa forma acreditasse que a concepção bancária é praticamente descartada na EJA como deve ser em qualquer outro nível de ensino, assim para eles não interessa se “Ada deu o dedo ao urubu ou a arara” (FREIRE, 1987), para eles interessa saber ler o jornal ou fazer aquela notinha fiscal no seu emprego, ler aquela receita nova de bolo que a patroa tanto pede para ela fazer ou até mesmo ler o bilhete que ela deixa na mesa da cozinha, pois ela não sabe que sua empregada não sabe ler.

Mas é a partir do sonho do educando de se adaptar a realidade na qual vive que o educador pode intervir e o conscientizar de sua capacidade de transformação da realidade social e histórica seres capazes de aprender para construir, reconstruir, constatar para mudar.

Dessa forma a dicotomia homem e mundo pode ser considerada inexistente, segundo Paulo Freire (1987) é importante que o educador esteja ciente de que seus educandos não estão somente no mundo, mas com o mundo, nesse sentido para complementar a discussão sobre a opinião dos educandos sobre a questão do voto e de sua participação comunitária é importante consultar a percepção dos professores sobre sua prática pedagógica.

Perguntamos aos professores se os saberes dos educandos são valorizados na sala de aula, pois alguns pensam que sua experiência de vida nada contribui na sala de aula, todos os professores entrevistados responderam afirmativamente.

*Existe sempre uma troca de saberes, pois o saber disciplinar ou técnico pode ser apropriado pelo aluno, enquanto para o professor o saber do aluno é fonte de experiência de vida. ( P4 - EJA Fundamental 1)*

A partir desta resposta podemos compreender o quanto o educador da escola pública tem em sua prática os princípios da Educação Popular ela supera a educação bancária, tornando educando e professor sujeitos de sua ação, o educador aqui não tem o papel somente de ensinar ele aprende também unindo o saber anterior do educando com os conteúdos científicos e técnicos que o professor ou professora possui, transformando em saber mais crítico e menos ingênuo.

Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (FREIRE, 2011, p. 31-32).

Quando comparamos as entrevistas dos educando e dos professores identificamos o quanto a prática dos educadores esta surtindo efeito na vida de seus educandos as ações praticadas por alguns dos educandos em suas vidas e nas vidas de seus conhecidos é resultado de uma prática pedagógica que busca ensinar com criticidade, superando assim a curiosidade ingênua do educando e tornando-a epistemológica.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica (FREIRE, 2011, p. 33).

Foi pedido aos professores para que eles dessem sua opinião sobre como eles veem o espaço da escola, como um meio neutro ou um lugar onde a luta de classes esta implícita. a discussão iniciará pela resposta dada pela professora P3. Ela afirma não ver uma luta de classes explícita dentro da sala de aula, e sim um desejo de bens de consumo. Paulo Freire explica que a luta de classes às vezes esta escondida expressando-se de formas diferentes ele as chama de “manha” seria uma forma de resistência que as classes populares criaram como forma de imunização. Elas podem ser expressas de diversas maneiras, na linguagem, cultura até mesmo em seus medos e religiosidade.

A luta de classes existe também, latente, às vezes escondida, oculta, expressando-se em diferentes formas de resistência ao poder das classes dominantes. Formas de resistência que venho chamando de “manhas” dos oprimidos, no fundo, “imunização”, que as classes populares vão criando em seu corpo, em sua linguagem, em sua cultura. Daí a necessidade do educador compreender as formas de resistência das classes populares (FREIRE, 1995, p. 48).

A professora P2 acredita que a politização é uma consequência do ato educativo. Mas não basta dizer que a educação é um ato político, como não basta dizer que o ato político e também educativo, é preciso assumir a politicidade da educação (Freire, 1995). É preciso também reconhecer a favor de quem prático, com quem e pra quem, nesse sentido a prática da educação-política é uma prática social e histórica, assim como foi dito logo acima o educador e educandos quando trabalham juntos tem a capacidade de transformar a curiosidade ingênua em criticidade astuta.

O Professor P4 respondeu que os educandos da EJA são sujeitos políticos, reconhecendo assim a importância da pós- alfabetização na libertação da opressão sofrida durante anos, ele afirma também que por este motivo Paulo Freire foi exilado ao afirmar que a alfabetização é apenas a primeira etapa para conscientização política do educando e assim

fazer com que eles se reconheçam como homens e mulheres operantes no mundo que trabalham em busca do bem comum participando de reuniões, associações de moradores para garantir seus direitos.

### 7.3 Entrevista com Educandos – Perfil Parte 1<sup>3</sup>

Os resultados das entrevistas realizadas com os educandos, descritos com “E” seguido de um número, foram transcritos e organizados nos quadros seguintes. Após a apresentação dos quadros segue a discussão da parte 1.

#### Quadro 4 – Perfil dos Educandos

	SEXO	DATA DE NASCIMENTO	COR DA PELE	CIDADE NATAL/ ESTADO	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS
E1	F	30/08/1962	Negra	Antonio Dias Minas Gerais	Amasiada	3
E2	M	03/10/1962	Moreno	Caruaru Pernambuco	Casado	1
E3	F	06/10/1962	Parda	Serra Talhada Pernambuco	Casada	3
E4	M	18/06/1987	Negro	São Paulo São Paulo	Casado	2
E5	M	02/10/1949	Moreno	Bom Conselho Pernambuco	Casado	1
E6	F	_____	Branca	Avai São Paulo	Separada	1

Fonte: Elaborado pela autora

#### Quadro 5 – Caracterização do local de moradia

COMO É O BAIRRO ONDE VOCÊ MORA?	
E1	Antigamente era bom de viver lá, mas agora a eles chega com muita violência. Antes eles vinham para fazer uma revista à gente concordava né, agora eles já vêm espancando as pessoas que não tem nada a ver.
E2	Tem água, é difícil faltar luz o lixeiro passa todos os dias.
E3	Como é o bairro onde eu moro como eu posso falar. Tem asfalto, mas a rua onde eu moro é terra não tem esgoto. Passa três vezes por semana o lixeiro.
E4	Tem água, é difícil faltar luz o lixeiro passa todos os dias.
E5	Tem tudo passa lixeiro sempre. Meu bairro é muito bom.
E6	Tem água, o lixeiro passa todo dia, tem asfalto tem tudo. Só não é bom por que não tem escola pra mim. Tinha uma escola no CSU, ma foi fechada tem no Guedes que fica fechada a noite, tem no Luis Castanho que eles podiam abrir uma sala lá por uma professora lá pra nós mais não põem.

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>3</sup> As respostas foram transcritas fidedignamente de acordo com as entrevistas concedidas pelos educandos.



**Quadro 6 – Participação Política no Bairro**

<b>TEM ASSOCIAÇÃO DE MORADORES? PARTICIPA DE ALGUMA?</b>	
E1	Ali não tem ninguém por nós não, só Deus mesmo. Se eu tivesse condição eu criava, se eu tivesse condição era meu sonho, queria alguma coisa para ajudar quem vive ali principalmente aqueles que vive na rua.
E2	Nossa mesma não tem o bairro vizinho tem ele que cuida do nosso bairro também. Di primeiro sempre tinha votação, mas agora nunca mais teve, tem mais nada.
E3	Que eu saiba não. Não
E4	Se tiver eu não conheço porque quase não paro em casa. Mas tem eu e minha esposa nois trabalha no grupo la né, do sindicato essas coisas né. Ela faz as coisas la dentro orienta o pessoal faz boleto pra ajudar o condomínio.
E5	A se tem eu não participo eu não gosto dessas coisas essas ronião não.
E6	não respondeu.

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 7 – Ocupação principal do Educando**

<b>VOCÊ TRABALHA? QUAL SUA FUNÇÃO?</b>	
E1	Não, estou fazendo tratamento, apareceram dois caroços na minha garganta vou operar.
E2	Eu trabalho de pintor lá na Edifica.
E3	não trabalha fora, é dona de casa.
E4	Isso. Mecânica.
E5	Aposentei mais eu trabalho ainda, faço serviço geral, trabalho de pedreiro, trabalho na feira de domingo faço caldo de cana.
E6	Eu trabalho na área da padaria sou confeiteira, salgadeira, faço pão, faço bolo, faço tudo o que eu aprendi, sem saber lê. Hoje eu tava trabaiano na padaria, hoje eu tava lendo umas receita que eu trouxe umas pra eu ler na minha casa.

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 8 – Vida Escolar do Educando**

<b>VOCÊ JÁ FREQUENTOU ANTES A ESCOLA?</b>	
E1	Eu comecei agora.
E2	Até a primeira com oito anos ai parei e agora comecei tudo de novo desde a primeira. O pouco que eu fui na escola já aprendi Ler e escreve.
E3	Não, não, comecei agora cheguei aqui não sabia nem faze meu nome direito.
E4	Não, eu voltei a estudar.
E5	Quando pequeno quase não, morava aqui no Estado de São Paulo fiquei uns seis mês depois mudei pro Paraná fiquei mai um ano então parei como mudava não estudei e por causa de trabalho, trabalhava na roça, quando e eu frequentava o CESUB lá perto de casa agora parou fecho ai eu vim pra cá.
E6	Nunca tinha frequentado antes.

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 9 – Motivos por não ter ido à escola quando criança**

<b>PORQUE DEIXOU OS ESTUDOS?</b>	
E1	Porque com oito anos de idade eu comecei a trabalha, a situação nossa era muito humilde né. Não tinha como estudar e tinha que trabalha pra sobreviver.
E2	Porque minha família era muito grande e meus pai ficaram doente e tive que trabaia pra ajuda a

	sustenta os mais novo, como o mais velho fez pra comigo, isso fazia parte da rotina da gente os mais véio sustentado os mais novo. E no sitio onde a gente morava não tinha condição da gente ir pra escola.
<b>E3</b>	Tive que trabalha pra ajuda a minha mãe a cuidar dos meus irmãos.
<b>E4</b>	Parei na quarta série, é porque tinha que trabalhar né. Comecei novo.
<b>E5</b>	Quando pequeno quase não morava aqui no Estado de São Paulo fiquei uns seis mês depois mudei pro Paraná fiquei mai um ano então parei como mudava não estudei e por causa de trabalho, trabalhava na roça, quando e eu frequentava o CESUB lá perto de casa agora parou fecho ai eu vim pra cá.
<b>E6</b>	Por que nós morava na roça no sitio e lá minha mãe não ensinou nunca nós ir na escola. Nós foi criado debaixo do pé de café.

Fonte: Elaborado pela autora

### Quadro 10 – Motivos para retornar à escola

QUAL O MOTIVO DE SEU RETORNO?	
E1	Porque eu tava precisando muito, vou fala a verdade eu tava com o marido preso o filho preso e já tava em tempo de ficar loca já, ai uma colega minha que estuda aqui foi que me chamou pra mim estudar. Ai aqui me ajudou muito o carinho da minha professora a força dela a amizade dos alunos eu agradeço muito a professora se não fosse ela talvez eu não nem aqui ela me deu muita força na hora que eu precisei, mas ela me alegrou mesmo ela com o sofrimento dela com a mãe no UTI ela me colocou de pé. Eu tenho muito a agradecer a essa professora. Ela foi um anjo na minha vida mesmo com o sofrimento dela, ela me colocou de pé, não transmitia o sofrimento dela. Eu agradeço muito aqui porque hoje eu aprendi viver antes eu tava morta né ai eu aprendi a viver aqui.
E2	Pra sabe apanha um onibu fica difícil apanha onibu. E mesmo ve se arranja um serviço melhor por que sou eletricitista e perdi a chance de arruma muito serviço por conta de não ter leitura.
E3	Pra sair de casa, não ficar sem fazer nada em casa, já não trabalho não tem muito tempo pra pensar besteira.
E4	O trabalho exige né, tem que escreve tem que lê, eu mexo com encaminhamento, têm que faze conta entendeu.
E5	Pra melhora né?! Tenho tempo agora, então voltei.
E6	Eu vim pra cidade e comecei a trabalhar quando foi um dia a mulher me disse vou te mandar você embora por que você é uma burra, eu tava trabalhando numa empresa daí ela mandou eu embora. Eu fui aprendendo Le e escrever com me ensinando eu fui apredendo lê e escreve com ela, aprendi rapidinho que a professora ensina nois, daí depois foi mai rápido pra recupera porque se eu tivesse ficado na minha casa, acho que eu tinha morrido porque o buraco tava muito grande dentro da minha coluna.

Fonte: elaborado pela autora

### Quadro 10 – Contexto frente ao retorno à escola

Como esta sendo retornar para escola para você, esta gostando da EJA?	
<b>E1</b>	Não respondeu
<b>E2</b>	Ta sendo muito bom to gostando de escreve, mas pra Lê que eu ainda to (faz o sinal de mais ou menos com as mãos), ditado eu faço to indo bem.
<b>E3</b>	Ta sendo muito bom muito, muito mesmo, muito proveitoso.
<b>E4</b>	Com estudo ta difícil, sem estudo ta pior ainda. Aqui esta sendo bom.
<b>E5</b>	Ta sendo bom pra passar o tempo, ficar em casa assistindo televisão o repórter só fala coisa ruim, o que aproveita mais é assistir missa hoje poucas coisa se aproveita na televisão.
<b>E6</b>	Depois que eu vim aqui foi um tipo de uma terapia não fiquei ponhando aquilo na minha cabeça, eu ficava com aquilo na minha cabeça, pois eu acho que eu vou morrer, acho que vou morrer hoje, acho que vou morrer amanhã, mas como eu vinha aqui na escola ela prega a palavra de Deus pra nós na lousa tudo então foi que eu tive força pra mim fazer a cirurgia coloquei oito parafuso aqui ( ela se vira e mostra onde foi realizada a intervenção cirúrgica) e duas placas ta tudo prendido de parafuso minha coluna.

Fonte: elaborado pela autora

### Quadro 11 – Expectativa frente ao aprendizado na escola

O QUE VOCÊ ESPERA APRENDER?	
E1	Agora eles saíram da cadeia e eu continuo aqui firme pretendo chegar muito longe.
E2	Pra sabe apanha um onibu fica difícil apanha onibu. E mesmo vê se arranja um serviço melhor por que sou eletricista e perdi a chance de arruma muito serviço por conta de não ter leitura.
E3	Além de ler e escreve eu quero terminar tudo se Deus quiser.
E4	Pretendo fazer uma faculdade.
E5	Ta sendo bom pra passar o tempo, ficar em casa assistindo televisão o repórter só fala coisa ruim, o que aproveita mais é assistir missa hoje poucas coisa se aproveita na televisão.
E6	O meu sonho é de fazer um curso de confeitaria.

Fonte: elaborado pela autora

A parte 1 da entrevista teve por objetivo traçar um perfil dos educandos da EJA. No início da entrevista pedimos para que os educandos fizessem, uma leitura crítica do bairro onde eles residem, com perguntas básicas, se não falta água, se o lixeiro passa todos os dias, como é o sistema de esgoto. Eles relataram como veem seus bairros, Paulo Freire nos conta de como se dando a leitura de mundo na sua experiência existencial. Assim eles leram o mundo deles com certa timidez, mas com total propriedade, afinal eles conhecem aquele lugar.

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro negro; os gravetos, o meu giz (FREIRE, 2011, p. 24).

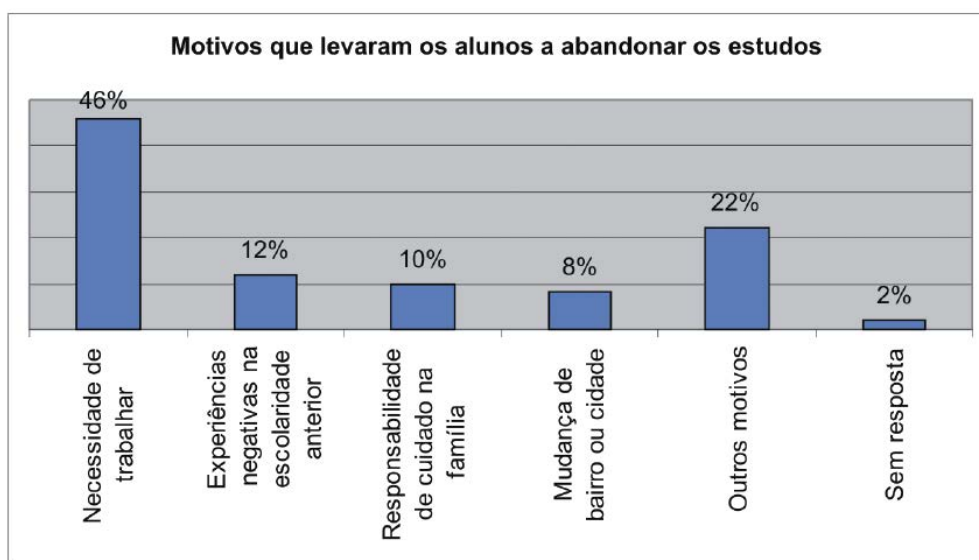
O relato da Educanda E1 é que Paulo Freire chamaria de organização popular de pensamento, pois ao perguntarmos sobre o seu bairro esperamos que ela respondesse “que tem água, mas não todo dia, o lixeiro passa sim”. Mas, não ela falou sem pestanejar o que mais a estava incomodando, relatou a situação concreta, no caso da Educanda E1 utilizou o verbo chegar.

*Favela São Manuel, antigamente era bom de viver lá, mas agora a policia chega com muita violência. Antes eles vinham para fazer uma revista a gente concordava né, agora eles já vem espancando as pessoas que não tem nada haver.(Educanda E1)*

Ao realizar essa leitura os educandos identificaram alguns problemas em seus bairros, a Educanda E3 relatou o problema de esgoto de seu bairro. Assim quanto mais se faz essa descrição conscientemente, mais eles perceberam as dificuldades que precisam enfrentar no processo de libertação e construção de sua história.

Os educandos entrevistados possuem histórias de vida muito parecidas, pode-se perceber isso quando foi perguntado a eles qual é sua Cidade e Estado Natal a maioria são provindos do nordeste brasileiro evidenciando também a migração que ocorre para o Estado de São Paulo em busca de uma melhor qualidade de vida, outra particularidade entre eles é o motivo pelo qual não frequentaram a escola na infância, todos responderam que tiveram de trabalhar para ajudar os pais a sustentar a casa. De acordo com “Uma Nova EJA para São Paulo” (BRASIL, 2004) o trabalho infantil é uma das causas mais recorrente na evasão escolar, como pode ser descrito na figura a seguir.

**Gráfico 1 – Motivos para o abandono escolar**



Fonte: Coleção “Uma nova EJA para São Paulo”

Quando questionados sobre o porquê voltaram ou começaram a estudar, podemos perceber que alguns deles pensam em progredir no trabalho, e para isso se faz necessário estudar, assim como o Educando 4 que precisa da leitura na oficina mecânica onde ele trabalha. Outro motivo que os levam a sala de aula é também de causa emocional, alguns deles estão passando por momentos difíceis na família ou depressão e tem nos estudos uma válvula de escape para tudo isso. Esse é o caso das Educandas E1 e E6, elas falam que a escola é uma “terapia”, é onde podem esquecer todos os problemas do dia a dia, a Educanda E1 em seu relato explica que agora todas as dificuldades foram superadas, mas mesmo assim pretende continuar estudando, pois ela quer muito ajudar sua comunidade que passa por diversas dificuldades.

Paulo Freire (1995) fala que a Educação Popular tem essa responsabilidade de construir a autoestima do educando adulto, partindo de suas necessidades pessoais e logo depois os conscientizando de sua participação na história na comunidade e cidade onde vivem. É essa mudança que está acontecendo com a educanda E1, ela tem o sonho de um dia organizar uma associação de moradores na comunidade onde mora, quando questionada sobre ela responde.

*Se eu tivesse condição eu criava, se eu tivesse condição era meu sonho, queria alguma coisa para ajudar quem vive ali principalmente aqueles que vive na rua (Educanda E1).*

A educanda E6 que não tem a certeza de onde e quando nasceu, tem uma certeza hoje de que não pode ficar sem escola para estudar, devido a distância que precisa percorrer para chegar a escola ela pensa em como mudar essa realidade, antes ela só tinha como perspectiva de vida aprender ler e escrever para não ser mais chamada de burra e também para fazer um curso de confeitaria, mas agora esse sonho vem acompanhado de uma necessidade que é a de ter uma sala da EJA perto de casa, ela não conseguia parar de pensar em como iria fazer para continuar estudando em 2016.

*Ano que vem eu já não vou vim mais só se o prefeito abrir uma escola lá perto do CESUB ou as mulher quiser me ensinar alguma coisa eu vou pedi pra elas me ensina por causa que eu não to mais aguentando, falei pra minha irmã minha irmã saber escreve, escreve uma carta pra mim que vou levar na radia porque eu vou pedir pra abrir uma escola aqui perto de nós. Aaa minha irmã faz de conta que não escuta e eu não sei escreve se não podia escreve não sei. Eu preciso de uma escola, sabe eu agradeço a eles de ensinar a gente a Le e escreve, eu não sabia e tava sofrendo muito (Educanda E6).*

Paulo Freire lembra-se de uma entrevista que ele assistiu na TV, na qual uma repórter questiona um jovem bóia fria sobre sonhos, se ele sonha o rapaz responde que não dizendo só ter pesadelos, pode-se notar uma falta de esperança no amanhã de uma pessoa que só presencia misérias no seu cotidiano e não tem o vislumbre de um amanhã melhor, por isso ele pode fazer parte de um ciclo das pessoas que são engolidas pela desesperança, muito comum entre os mais pobres que são oprimidos pela classe dominante (FREIRE, 2006) “Quase sempre as situações concretas de opressão reduzem o tempo histórico dos oprimidos a um eterno presente de desesperança e acomodação. O neto oprimido repete o sofrimento do avô”.

Na EJA podemos ver a quebra desse ciclo de desesperança e acomodação, digamos que é de uma forma inusitada normalmente são os mais jovens que resolvem ir além do Ensino Fundamental II, às vezes motivados por seus netos e filhos ou por sua própria vontade,

o adulto sai da sua zona de conforto e vai para escola mesmo que a sua intenção seja passar o tempo no momento certo verá a possibilidade de melhorar não somente sua vida, mas também a da sua família. Apesar disso a taxa de analfabetismo entre os idosos (23,9%) é maior do que entre as pessoas com idade entre 40 e 59 anos (9,2%).

O Educando E4 quer aprender a ler para saber qual ônibus entrar, o educando 5 não falou muito durante a entrevista, mas tem muita vontade de ler a bíblia. O ato de ir à escola pode ser considerado uma ação contra a opressão da classe dominante, ou seja, um ato político ao contrário daquele jovem bóia fria, os educandos entrevistados enxergaram uma possibilidade de melhorar sua qualidade de vida.

Ao analisar as entrevistas pode-se notar uma grande influência da professora sobre os educandos, a confiança construída entre eles, a todo o momento nas entrevistas principalmente das educandas E1 e E6 a relação com a professora era mencionada como fator predominante para a permanência delas na escola, o respeito com que eles falam da professora é admirável, esse é um dos fatores predominantes na EJA o respeito dos educandos para com as professoras e os laços de amizade que se formam é impressionante. Esse bem querer mútuo, é visto por Paulo Freire como algo benéfico no processo de ensino aprendizagem, desde que essa afetividade não comprometa a avaliação do professor ou professora sobre seu educando.

Conclui-se a dialogicidade é fundamental no processo de ensino aprendizagem, ela pode conquistar a confiança um dos princípios do método de Paulo Freire. O romper do ciclo de desesperança é motivado pelo sonho dos educandos construído pela afetividade que também faz parte do processo de ensino aprendizagem na EJA.

#### **7.4 Entrevista com Educandos – Voto Parte 2<sup>4</sup>**

Neste item são apresentados os resultados da segunda parte da entrevista com os educandos, a qual teve o foco voltado para a questão da concepção que estes têm sobre o voto na sociedade. Após a apresentação dos resultados nos quadros organizados de acordo com a transcrição dos depoimentos, segue a discussão.

---

<sup>4</sup> As respostas foram transcritas fidedignamente de acordo com as entrevistas concedidas pelos educandos.

**Quadro 12 – Posse de título de eleitor**

POSSUI TÍTULO DE ELEITOR?	
E1	Tenho
E2	Tenho
E3	Tenho
E4	Tenho
E5	Tenho, mas eu cancelei faz tempo que não tava muito ligando e quando não tem que justifica eu pedi pra cancelar o meu Ahhh! Eu abandonei, no cartório escritório lá do Bela Vista mandaro eu cancela, eu cancelei.
E6	Tenho

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 13 – Importância do voto**

ACHA QUE É IMPORTANTE VOTAR? POR QUÊ?	
E1	Eu acho porque eu vim votar depois de veia, eu era loca pra votar por conta daquela maquininha. Eu tenho que tirar esse titulo ai eu nunca votei, mas com essa maquininha eu tenho que votar.
E2	Ahhh! Acho porque o cara tem que honrar a cidadania dele nem que seja pra pessoa certa ou não seja isso ai ninguém sabe, mas tem que agi do jeito que manda o feminino (figurino).
E3	É importante, mas tem que saber pra quem você vai votar justamente pra não acontecer o que esta acontecendo.
E4	Acho. Pra educação, pra ajudar a população, mas eu não gostei da candidata por isso que eu anulei.
E5	Acho importante, mas do jeito que ta as coisa hoje ninguém sabe mais pra onde vai né, nunca fui de torcer, sou bem católico nunca fui de torcer pra jogo de bola. Pra jogo de bola antes até batia palma. Vereador participar torce pra ele eu não ligo muito pra isso.
E6	NÃO

Fonte: elaborado pela autora

**Quadro 14 – Voto na última eleição**

VOCÊ VOTOU NA ÚLTIMA ELEIÇÃO?	
E1	Votei errado (risos) só Deus sabe o que faz né porque a cada que passar nós vamos colocar sempre o errado lá a gente nunca vai colocar o certo. A gente nunca vai acertar.
E2	Votei
E3	Sim
E4	Eu anulei a ultima foi pra presidente, não votei anulei.
E5	Cancelei o titulo mais de duas eleição.
E6	SIM

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 15 – Sobre a propaganda eleitoral gratuita**

ASSISTE HORÁRIO POLÍTICO?	
E1	Não
E2	Assisto quando tem tempo assim assisto. Qual tiver disponível eu assisto, mas eu costumo assistir mais na Tv.
E3	Não, nem pela Tv nem pelo rádio eu não gosto de política.
E4	Assisto. Quando chego em casa da pra assistir.
E5	Não
E6	Não

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 16 – Escolha dos candidatos**

<b>COMO ESCOLHE OS CANDIDATOS?</b>	
E1	Eu tenho o meu partido da até vergonha falar, faze o que né mesmo eles tirando o que tem né parece uma doença e já pegou o coração já.
E2	Procuo, às vezes eu participo de uma reunião lá na câmara ou em comitês eu to indo lá que meu filho é presidente lá. Eu penso no que ele já fez e quando não conheço a pessoa vou pela indicação das pessoa ou até pelas palavra dele mesmo da pro cara notar quando a pessoa promete e quer fazer memo.
E3	Quando vai chegando perto da eleição eu vou vendo aqueles que trabalhou melhor. Ai eu escolho em que eu vou votar.
E4	Olha eles falam de projeto não é mesmo. Então nós vai pelos projeto da Educação dessas coisas que eu to falando né. Então nós tenta, eu tento ver essas coisas, mas eu vou falar hoje muito prometem e não faz. Na ultima eleição para prefeito, eu votei no candidato que fez a ponte, arrumou os hospitais deu uma arrumada nos asfaltos.
E5	Não
E6	Eu não procuro não, quando eu chego la pra vota, ai os oto fala assim é pra votar pra aquele lá ai eu vo lá e voto nele. Entendeu?

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 17 – Influência da família e parentes sobre política**

<b>VOCÊ CONVERSA SOBRE POLÍTICA COM A FAMÍLIA E PARENTES?</b>	
E1	Sim a gente conversa sim, às vezes eu evito.
E2	Sim com a família e com os amigos.
E3	Lá em casa é assim cada um voto em quem quiser, meu marido escolhe o dele eu escolho o meu e normalmente a gente não voto no mesmo candidato. Cada um escolhe o seu.
E4	Um pouco, no mundo que ta hoje eles acham que todo mundo é ladrão.
E5	Comigo não, eu não gosto dessas coisa.
E6	Não

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 18 – Política em sala de aula**

<b>Professora conversa sobre política?</b>	
E1	Conversa manda a gente escolher bem. Ver que a gente vai votar
E2	Conversa, mas ela é imparcial pra não compromete, mas ela explica que tudo o que temos aqui depende da política.
E3	Ela explica muito bem pra gente. (não quis falar mais nada, estava tímida).
E4	Não tivemos ainda esse assunto com ela, eu não tive pelo menos. Eu entrei esse ano.
E5	Fala quando ta próximo né, como a gente trabaia nessas coisas de governo tem que participa, que nem eu trabaiei no DAE durante treze ano na prefeitura e pra manter o emprego eu participava dessas ronião né tem que dá uma acertada.
E6	As veiz ela fala, mas chegando lá eu já não vou fazer o que ela falou, vou fazer de outro jeito do jeito que os Oto fala pra eu faze. Votar naquele outro lá.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta segunda parte da entrevista discutimos a questão do voto para os adultos entrevistados. Para iniciar a entrevista sobre o voto foi importantíssimo perguntarmos se eles



tinham título de eleitor, pois como se sabe os analfabetos tem o direito ao voto facultativo principalmente os adultos com deficiência.

Dos seis educandos entrevistados cinco tem título eleitoral, o E5 preferiu cancelar o dele por acreditar não fazer mais sentido votar ele nunca gostou de política é muito religioso e por isso prefere seguir os mandamentos de Deus, então ele cancelou para não ter de justificar sempre quando houvesse eleições.

Para tanto se julga necessário antes explanar de forma concisa a história do título de eleitor, ao todo foram nove versões desse documento o primeiro foi fixado em 1875 antes os eleitores votavam a partir de uma qualificação e precisava ser católico, pois a igreja católica tinha uma ligação com o estado. Nesse título de eleitor constavam o número e a data de alistamento, a assinatura do juiz de direito do local de alistamento, os dados pessoais como nome, filiação, idade, estado natal, profissão, domicílio e renda este último item era de suma importância, pois o voto era censitário<sup>5</sup> (BRASIL, 2009), o título de eleitor obteve muitas versões devido aos processos de reformas eleitorais.

E finalmente em 1985 foi publicada a Lei nº 7.444 na qual propunha a revisão do eleitorado no qual também concedia aos analfabetos o direito ao voto, assim o eleitor ficaria livre de se alistar ou entregar uma fotografia retirando de vez a participação da igreja no processo eleitoral, nele constam o nome do eleitor, data de nascimento, número de inscrição, seção, zona eleitoral, o município, a unidade de Federação onde reside e a data de emissão (BRASIL, 2009), hoje também é possível mudar a zona eleitoral para um lugar mais próximo de casa ou quando o eleitor muda de cidade ou estado, como o caso da Educanda E6 que mudou seu lugar de votação para uma escola mais próxima de sua casa.

*Nessa sim, agora que eu fui lá e tirei meu título do colégio das Freira que era lá perto do São Francisco e levei lá pro Iracema, eu falei ai eu não vou ficar mais aqui não vou pra frente e agora to lá , sempre votei no Moraes Pacheco mais depois que vieram umas moça pra li Ahh eu não gostei mais não viu daí eu peguei e levei pra lá, porque eu não gosto daquele povo eles fica olhando com uma cara, não fui com a cara daquelas moça se ta chegado e elas já tão te reparando agora esse ano vou pra lá, não to certa?( Educanda E6)*

Esse título esta em processo de substituição que iniciou no final do segundo semestre de 2015, agora o eleitor terá de realizar o cadastramento biométrico (BRASIL, 2015) que também pode-se dizer excludente, pois há muitos trabalhadores que perderam suas

---

<sup>5</sup> Voto censitário é um voto com algum tipo de restrição de participação. Pode ser baseado na renda, no sexo e também no grau de escolaridade da pessoa.

digitais dado ao trabalho, nesse caso principalmente as empregadas domésticas (SILVA, 2014).

Questionamos sobre a importância do voto cinco dos seis educandos julgaram ser importante votar, a Educanda E1 explica que tinha uma vontade grande de votar, mas não se sentia confortável em votar na cédula de papel e quando a urna eletrônica tomou o lugar do papel ele viu a possibilidade de exercer sua cidadania, a fala da E1 demonstra o quanto apesar do consentimento ao direito ao voto os analfabetos eram excluídos a confusão aumentava ainda mais quando a eleição era para presidente, governador, deputado e senador, alguns se sentiam envergonhados por não saberem ler por isso anulavam seu voto ou nem apareciam no dia da votação.

*Eu acho porque eu vim votar depois de veia, eu era loca pra votar por conta daquela maquininha. Eu tenho que tirar esse título aí eu nunca votei, mas com essa maquininha eu tenho que votar (Educanda E1).*

O Educando E2 considera uma questão de honra mostrar que é ser um sujeito de palavra que não foge de suas responsabilidades. A Educanda E3 ressalta que importante mesmo é saber em quem vamos votar.

*É importante, mas tem que saber pra quem você vai votar justamente pra não acontecer o que esta acontecendo (EducandaE3).*

Ao perguntarmos se haviam votado na última eleição um dos cinco educandos anulou seu voto por não se sentir representado por nenhum candidato a opção do E4 de anular seu voto mostra o discernimento dele em identificar quem seria confiável o suficiente para representá-lo anulando assim a concepção de alguns de que os analfabetos não sabem escolher.

*Eu anulei a última foi pra presidente, não votei anulei (EducandoE4).*

A educanda E1 disse que votou, mas com a certeza de que não acertou na sua escolha, ao analisarmos essas duas repostas vemos a necessidade de candidatos com os quais os eleitores tenham confiança, porém algumas dessas pessoas confiáveis não são elegíveis por serem analfabetos também isso ocorre principalmente cidades do interior e em pequenas comunidades. São líderes comunitários que moram nas periferias das grandes cidades ou em comunidades rurais do interior normalmente são mulheres, matriarcas que precisam buscar formas de melhorar a vida de sua família e de seus vizinhos.

Para compreendermos melhor como esses adultos escolhem seus candidatos iniciamos uma série de perguntas para melhor, esclarecer a primeira pergunta foi se eles assistiam horário político pela Tv ou rádio, dos seis alunos três assistem quando chegam em casa depois da escola ou quando não tem aula o Educando E2 é um deles.

*Assisto quando tem tempo assim assisto. Qual tiver disponível eu assisto, mas eu costume assistir mais na Tv. (Educando E2)*

É compreensível alguns deles não assistirem, pois os horários de exibição sempre são em períodos em que eles estão trabalhando ou estudando, o horário político também não é visto com bons olhos pela maioria da população, quando a Tv aberta abre um espaço de 20 minutos ou mais para propaganda eleitoral, mas hoje as campanhas eleitorais estão também na internet desde 2009 os candidatos à presidência imitando Presidente Obama que juntamente com seus assessores criaram contas nas redes sociais para chegar cada vez mais perto de seu eleitorado, essa é uma alternativa válida que conquista até mesmo o público não letrado, pois eles estão cada vez mais informados (SILVA- JUNIOR, 2010).

Na escolha de um candidato precisamos conhecê-los melhor, pois o horário político é muito rápido e não mostra tudo o que um eleitor precisa saber, assim perguntamos como eles escolhem seus candidatos se usam algum critério de escolha, se apenas pensam em quem irão votar no momento da votação ou se pedem ajuda para escolher. As respostas foram bem interessantes a Educanda E1 já havia declarado que tem um partido do coração e por isso vota em candidatos de seu partido, não procura saber sobre outro candidato e se mostra envergonhada por isso.

*Eu tenho o meu partido da até vergonha falar, faz o que né mesmo eles tirando o que tem né parece uma doença e já pegou o coração já.(Educanda E1)*

O Educando afirma que vai há reuniões dos partidos, antes quando havia comícios era mais simples a escolha. Hoje existem também comitês políticos com sedes com reuniões semanais, alguns candidatos são convidados ou pedem para realizar uma reunião nas casas dos eleitores. O caso da Educanda E6 não é comum somente entre os analfabetos, existem adultos letrados que procuram saber em quem irão votar na fila de sua sessão.

*Procuro, às vezes eu participo de uma reunião lá na câmara ou lá no Estoril tem uma sede do Pedro Tobias eu to indo lá que meu filho é presidente lá. Eu penso no que ele já fez e quando não conheço a pessoa vou pela indicação das pessoa ou até pelas palavra dele mesmo da pro cara notar quando a pessoa promete e quer fazer memo(Educando E2).*

O Educando E4 prefere votar em quem ele já conhece cumpriu um pouco do que prometeu. Podemos constatar assim que ele lembra em quem votou e procura saber se ele está cumprindo pelo menos metade do que prometeu.

*Olha eles falam de projeto não é mesmo. Então nós vai pelos projeto da Educação dessas coisas que eu to falando né. Então nós tenta, eu tento ver essas coisas, mas eu vou falar hoje muito prometem e não faz. Na ultima eleição para prefeito, eu votei no candidato que fez a ponte, arrumou os hospitais deu uma arrumada nos asfaltos (Educando E4).*

Para a escolha de um candidato o processo é um pouco demorado para algumas pessoas, por isso é importante conversar com os familiares e amigos. Perguntamos aos educandos se eles conversam sobre o tema e a resposta de quatro dos cinco educandos foi que sim, o sexto educando prefere evitar conversas sobre política, a Educanda E1 fala que conversar sobre política com a família ou amigos para ela atualmente fica muito difícil, pois sempre irá ter discussão causada pelo cenário político atual. A Educanda E3 prefere não conversar dentro de casa assim cada um vota em quem quiser.

*Lá em casa é assim cada um voto em quem quiser, meu marido escolhe o dele eu escolho o meu e normalmente a gente não voto no mesmo candidato. Cada um escolhe o seu.( Educanda E3)*

Conversar sobre política não pode ser encarado somente como uma discussão desconfortável, esse é um momento de conhecer melhor aquele candidato que tanto fala e será que faz? Ela é uma alternativa muito válida para quem não gosta ou não tem tempo de assistir a propaganda eleitoral, na conversa rotineira com os amigos familiares até mesmo no salão de cabeleireiro, mas é preciso que essa conversa se estenda, vá além do período eleitoral como uma fiscalização do trabalho dos políticos escolhidos. Hoje com o atual cenário político vemos as pessoas conversando mais sobre política, lendo mais e fiscalizando mais ainda, não somente a burguesia, mas a classe operária também sofre com as mazelas. Paulo Freire fala em seu livro “Educação como Prática da liberdade” (2013), sobre o mutismo<sup>6</sup> da população que era excluída não somente das conversas sobre política, mas de qualquer acontecimento

---

<sup>6</sup> Mudez; estado ou qualidade de quem não consegue falar ou perdeu essa capacidade. Psicopatologia. Condição de quem não reage ou se apresenta imóvel, expressando uma incapacidade de falar ou de se expressar verbalmente.

político em nosso país, em como a população não tinha voz e observava tudo acontecer bestificado.

A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1987, p. 78).

Quando perguntamos aos educandos se a professora conversa com eles sobre política cinco dos seis afirmam que sim, a Educanda E6 relata o quanto a professora pede e insiste que eles pensem muito bem antes votar principalmente no que eles querem para sua cidade ou estado, mas sem interferir na escolha de seus alunos podemos verificar tal afirmação nas próprias palavras dela.

*As veiz ela fala, mas chegando lá eu já não vou fazer o que ela falou, vou fazer de outro jeito do jeito que os oto fala pra eu faze. Votar naquele outro lá. (Educando E6)*

Segundo Paulo Freire (1987) o diálogo é uma exigência existencial, ele é o ponto fundamental para uma boa experiência democrática na sala de aula onde é possível refletir o agir dos sujeitos com o mundo ele é transformador e humanizante e não pode ser reduzido a uma mera troca simples de ideias simples e tampouco um depositar de ideias de um único sujeito.

Paulo Freire (2006) conta a história de uma mulher que ele conheceu em San Francisco EUA, ela já não tinha mais nenhuma perspectiva de melhorar de vida, sentia vergonha por não corresponder à ideologia dominante e por isso parecia ter vergonha sobre a própria existência nada exitosa e que a todo o momento mantinha uma postura fatalista ao realizar a entrevista com os educandos, deparei-me com uma história de vida parecida.

O Educando E5 durante a entrevista nos momentos em que o questionávamos sobre conversar sobre o voto, escolher um candidato ele dizia nunca ter se interessado por esse assunto, desde moço sempre foi muito religioso, ele nasceu em 1949 é mais velho do que os outros educandos, viveu e ainda vive a inexperiência democrática. Ao questionarmos se a professora conversava com eles sobre política e o quanto é importante escolher um candidato que atendesse a algumas de suas necessidades eis que ele responde:

*Fala quando ta próximo né, como a gente trabaia nessas coisa de governo tem que participa, que nem eu trabaiei no DAE durante treze ano na prefeitura e pra manter o emprego eu participava dessas ronião né tem que dá uma acertada (Educando E5).*

Para ele o fato da professora dialogar com eles sobre política nada mais é do que uma obrigação para que ela não perca o emprego, podemos compreender assim que o voto para ele também era uma obrigação terrível que ele teve de cumprir até alguns anos atrás, não foi em nenhum momento durante sua mocidade contado a ele que o voto não deve ser visto como uma obrigação, mas como um direito de se fazer valer e ouvir.

Ao perguntar o que ele esperava aprender sua resposta é envergonhada por ainda estar cursando o primeiro o ano do ensino fundamental e ainda não saber ler e escrever muito bem, ele como a mulher entrevistada por Paulo Freire parecia aceitar a culpa de seu “insucesso” que o Estado atribui a todos os analfabetos por não terem frequentado a escola quando criança, e ele carrega essa culpa nos ombros expressando até mesmo em sua voz. É preciso diálogo, conscientização sobre a conciliação da fé com a luta um ato de rebeldia.

*Por isso, a salvação implica na libertação, o engajamento na luta por ela. É como se a luta contra a exploração, o ânimo da briga, a recusa à acomodação, fossem caminhos de salvação. O processo de salvação não pode autenticar-se sem assunção da rebeldia. (FREIRE, 2006, p. 86)*

Em contrapartida conhecemos a Educando 6, não teve a oportunidade de frequentar a escola na idade certa por morar na zona rural e por desconhecimento de seus pais, a primeira vez que foi humilhada por não saber ler e escrever quase entrou em depressão, mas teve a iniciativa de procurar uma escola para mudar sua realidade e foi a partir de sua decisão que suas metas foram se ampliando. O bairro onde ela mora não tem uma sala da EJA sendo assim ela precisa fazer uma longa caminhada para chegar à escola.

*Quando foi no oto dia eu falei pois agora eu vou, sai da minha era quatro hora vim cheguei aqui ali na frente bati Parma a professora saiu eu falei pra ela professora se deixa eu estudar dentro da sua escola porque eu não sei nem lê nem escreve e levei nome de burra, daí ela falou você quer entra agora daí eu falei é agora daí ela me ponho pra dentro a professora me deu um caderno um lápis e começou me ensinando colando laranja pra eu saber o que era daí ela foi ensinando eu. Eu fui aprendendo Le e escreve com me ensinando eu fui aprendendo lê e escreve com ela, aprendi rapidinho que a professora ensina nois , daí depois foi mai rápido pra recupera porque se eu tivesse ficado na minha casa, acho que eu tinha morrido porque o buraco tava muito grande dentro da minha coluna ( Educanda E6).*

Durante a entrevista perguntamos a ela qual era sua cidade natal e seu ano de nascimento, ela não conseguiu explicar muito bem onde e quando nasceu disse que seus pais não a registraram logo após o nascimento, pois era difícil eles irem até a cidade, mas o que nos chamou mais atenção foi o fato da Educanda E6 desconhecer totalmente sua data e local de nascimento, mas tem algumas certezas a de quer aprender ler e escrever para se profissionalizar como Confeiteira e a necessidade de uma sala da EJA perto de sua casa para que ela não precise abandonar seus sonhos sendo assim ela já pensou em muitas alternativas para que não somente elas, mas todos que precisam estudar possam ser beneficiados. Podemos perceber o quanto seus objetivos se ampliaram antes a escola era somente uma “terapia”, agora ela vê na escola uma possibilidade de crescimento e por meio da escola ela pode ver-se como sujeito de sua história e agora quer lutar para melhorar não só a sua história, mas das pessoas que estão a sua volta.

Portanto, podemos constatar a desconstrução de um mito a de que os analfabetos não teriam discernimento suficiente ou capacidade necessária para identificar o bem comum como transporte, saúde e principalmente educação. Os adultos entrevistados demonstraram nas entrevistas estar cientes da importância do voto o enxergam como uma grande responsabilidade, uma questão de honra e que por isso deve ser bem pensado a que ele será dado. Por isso eles buscam conhecer muito bem seus candidatos, não se contentam apenas com a propaganda eleitoral mostram-se pessoas muito críticas.

## 8. Considerações Finais

No início deste trabalho foram expostas algumas reflexões sobre a perspectiva de Paulo Freire na construção da cidadania do adulto estudante da EJA, com seu método de caráter emancipatório cuja base era o diálogo e a leitura do mundo do educando, para uma articulação no decorrer do capítulo foram expostos algumas as impressões do Professor Luís Gonzaga Gonçalves sobre as lembranças do grupo de estudo no qual ele participou em Juazeiro (Bahia). Cujo objetivo era de estabelecer aproximações com o tema do trabalho para possíveis discussões na análise dos dados coletados.

Assim primeiramente foram abordadas as pesquisas históricas sobre a questão do voto do Analfabeto, a revisão bibliográfica foi realizada em trabalhos com dissertações de mestrado, doutorado artigos desenvolvidos para revistas de História da Educação e Direito em particular os estudos de Leão (2011), Haddad e Pierro (2000), foram 104 anos de negação do direito ao voto para o adulto analfabeto.

Depois abordamos a história das Políticas Públicas para EJA no Brasil, foram utilizados como base teórica os estudos de Ceratti (2007). No capítulo seguinte iniciamos com uma questão, quem é o educando da EJA do Estado de São Paulo para construirmos um perfil do educando, investigamos estudos a respeito especificamente os teóricos, Arena (2010), Faria (2010) e Oliveira (1999). Após a construção da fundamentação teórica iniciaram-se a coleta de dados no CEJA de Bauru, foram entrevistados Professores (a) e educandos.

O presente trabalho teve como objetivo traçar o perfil do educando da EJA, levantar suas concepções frente à questão do voto e o seu papel frente à consolidação deste ato e discutir sua fala à luz da literatura de Paulo Freire.

A partir da entrevista com os professores(as) também traçamos um perfil dos educadores da EJA, são professores com saberes necessários para a prática educativa, todos possuem graduação e são professores concursados da EJA, essa é uma das características do município de Bauru.

Ao analisar as entrevistas sobre a valorização do saber do educando adulto na sala da EJA as respostas foram satisfatórias e confirmaram segundo os princípios da filosofia de Paulo Freire, de que ensinar exige respeito aos saberes do educando, os saberes construídos na prática comunitária aproveitando a experiência, fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente de troca de saberes (FREIRE, 2011).



Os professores responderam também a questão referente à neutralidade no ambiente escolar, consideramos as respostas satisfatórias garantindo uma boa discussão, na qual foi possível confirmar as expectativas da investigação nos estudos de Paulo Freire que tem a alfabetização como elemento de formação da cidadania leva-nos a crer que a sala de aula não é um campo neutro ou que nada tem haver com a luta de classes mesmo que esta esteja oculta (FREIRE, 1995).

Após esse breve estudo em relação à concepção dos educadores sobre os saberes dos educandos, julga-se importante dar continuidade a pesquisa com o aprofundamento nos estudos sobre a relação entre o Adulto Analfabeto ou pouco letrado e o voto e estudos sobre o perfil do educador da Educação Popular nas escolas pública.

O foco do trabalho foram os educandos da EJA, para traçar o perfil do educando adulto elaboramos pergunta básicas com dados suficientes para compararmos com o censo de 2013 e 2014, no qual a taxa de analfabetismo é de 13 milhões. A maioria dos educandos entrevistados tem a faixa de idade entre 40 e 59 anos, a mesma que teve uma redução da taxa de analfabetismo entre os anos de 2012 a 2014.

Foram entrevistados seis educandos, cada um com suas particularidades, garantindo ao estudo uma boa discussão dos dados coletados utilizando a literatura de Paulo Freire. Na primeira etapa da entrevista visamos caracterizar os educandos e saber mais sobre suas percepções de leitura de seu mundo, com perguntas sobre o bairro onde vivem, sobre sua participação social e comunitária, as respostas corresponderam às expectativas da pesquisadora, diante da literatura estudada constatar que os educandos entrevistados buscaram na EJA a alfabetização no início, mas logo depois se viram no mundo e com ele deixaram a curiosidade ingênua.

As perguntas sobre a relação do educando adulto com a escola, nas quais eles responderam por que deixaram à escola, quais os motivos que os levaram a estudar agora adultos e suas expectativas para o futuro, acredita-se terem sido satisfatória possibilitando discussões muito boas. Considera-se que os resultados obtidos foram satisfatórios.

Na segunda parte das entrevistas analisamos a questão do voto do analfabeto ou do adulto pouco letrado. Acredita-se que os objetivos foram alcançados, o mito sobre a incapacidade dos analfabetos de escolher seus candidatos acredita-se que tenha sido desconstruído a partir das respostas dadas pelos educandos, um dos objetivos do trabalho era identificar como esses adultos analfabetos ou pouco letrados escolhem seus candidatos, as repostas confirmaram-se por meio da literatura estudada, pois eles não só pensam em quem

votar como também fiscalizam o trabalho dos candidatos em quem eles votaram, participam de reuniões, são filiados a partidos políticos, trabalham para ajudar sua comunidade. Todos confirmaram que suas escolhas dependem muito do diálogo entre os familiares, amigos e na escola.

Como todo cidadão comum também há aqueles que não se interessam tanto por política e preferem manterem-se neutros, como o caso do Educando E4. Contrariando alguns pré-conceitos os adultos entrevistados tem a consciência de que o voto é sim um ato de cidadania.

A pesquisa apresentada também tem suas limitações, considerando a falta de teóricos para discutir os dados coletados, dessa forma a própria autora discutiu com os dados apresentados. Entretanto, para os objetivos propostos nesta pesquisa, o consideramos pertinente.

Destaca-se, ainda, o quanto a temática e os conhecimentos obtidos pelos estudos para a efetivação desta pesquisa contribuíram para a formação pessoal e acadêmica da pesquisadora.

Por fim, vale ressaltar a necessidade de estudos que se aprofundem na análise do discurso do adulto analfabeto. É necessário pensar num trabalho que aproveite e potencialize as discussões dos educandos, notou-se a possibilidade de investigar os estudos do teórico Bakhtin para análise do discurso em estudos futuros.

## REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. **Alfabetização e Gênero: Mulheres Idosas e Mulheres Crianças.** In: CAMARGO, M. R. R. M. de (org.); FURLANETTI, M. P. de F. R. Educação de Pessoas Jovens e adultas Múltiplas Faces de um Projeto Educacional: Aportes teóricos – Práticas de formação- Contextos produzidos. Cultura Acadêmica: Editora- São Paulo, 2010. p. 45- 69.

BRASIL. **Identificação biométrica.** Disponível em: < <http://www.tre-sp.jus.br/eleitor/recadastramento-biometrico-1>> Acesso em 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

\_\_\_\_\_. Tribunal Superior Eleitoral. **Série Inclusão: a luta dos analfabetos para garantir seu direito ao voto na República.** Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Abril/serie-inclusao-a-luta-dos-analfabetos-para-garantir-seu-direito-ao-voto-na-republica>. 2013.> Acesso em 2013.

\_\_\_\_\_. Tribunal Superior Eleitoral. **Títulos Eleitorais: 1881-2008** – Brasília, 2009.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire-** 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”-** 9.ed.- Porto Alegre: Mediação 2013.

CERATTI, M. R. N.; **Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/md\\_marcia\\_rodrigues\\_neves\\_ceratti.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_marcia_rodrigues_neves_ceratti.pdf)> Acessado em 6 de Novembro de 2015.

DI PIERRO, M. C. **As políticas Públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil no período de 1985/1999.** 2000. 321 f. Tese (Doutorado) - Curso de História e Filosofia da Educação, Puc-sp, São Paulo, 2000.

FARIA, M. J. **O perfil do Aluno de educação de Jovens e Adultos**. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-perfil-do-aluno-da-educacao-de-jovens-e-adultos/34725/>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**- São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **A sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D' Água, 2006.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: Teoria e prática da Libertação**. São Paulo: Centauro, 2005. 50 p.120 p. Ana Maria Araújo Freire.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/a, 1987. 184 p.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação**. - São Paulo: Cortez, 2003.

FERRARO, A. R. **História Inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

GONÇALVEZ, L. G. **Diálogos com Paulo Freire em Juazeiro, Bahia: recordações de abril de 1983**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 2 nº3, 2014.

HADDAD, S. e DI PIERRO, M C. Escolarização de Jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 3, n. 14, p.108-194, maio 2000.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática & Francisco Alves (Original), 1960.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

LEÃO, M. de. **A Construção do Discurso da Incapacidade Eleitoral dos Analfabetos na história Brasileira**. X Seminário de Estudos históricos. Quando o passado já não existe: desafios da História no tempo presente. 2011.

LEITE, S. F. **Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos no período 2000-2010**. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/15572/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-no-periodo-2000-2010#!2>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

LIMA, F. de O. ; SILVA, N. R. da. O PERFIL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS HOJE: TEMPOS DE INCLUSÃO. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 8., 2013, Londrina. **Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. Londrina: Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, 2013. p. 449 - 460.

MACIEL. A. R. R. **Brasil: Do Voto cabresto ao voto eletrônico uma longa caminhada legal**. Petrópolis- RJ, Unisul, 2007.

OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, p.59-73, set. 1999.

PORCARO, R. C. **A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.2007** Disponível em: <[HTTP://www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../tese\\_revisada\\_depois\\_da\\_defesa.pdf?...](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../tese_revisada_depois_da_defesa.pdf?...)>

REZENDE, J. M. de P.; BRANT, L. L. de O. ; SAMPAIO, C. E. M. Um olhar sobre os indicadores de Analfabetismo no Brasil. **Revista Brasileira de Pedagogia**, Brasília, v. 81, n. 199, p.511-524, dez. 2000<sup>1</sup>.

**REVISTA DA FAEEBA/UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**. Bahia: Editora e Laboratório de Impressão - Uneb, v. 12, n. 19, jun. 2003.

SÃO PAULO. **UM SALTO para o futuro**. Brasília : MEC.SEF.CNEDC; Fundação Roquette Pinto, s.d.,5p. [Boletim da Série de cinco programas sobre Educação de Jovens e Adultos]. 2004

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. Del P.; tradução: MORAES, D. V. de; Revisão técnica: GARCIA, A. G. Q.; SILVA, D. da; JÚLIO, M. **Metodologia de Pesquisa- 5**. Ed.- Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, G. L. dos. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 3, n. 24, p.107-125, dez. 2003<sup>2</sup>.

SILVA -JUNIOR, J. R. da. **Voto no Brasil: instrumento da Democracia e da Demagogia**. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/voto-no-brasil-instrumento-da-democracia-e-da-demagogia/49739/>>. Acesso em: 18 out. 2010.

SILVA, K. P. **Pessoas com ausência completa de digitais: Síndrome de Nagali**. Disponível em: <<http://diariodebiologia.com/2014/11/pessoas-com-ausencia-completa-de-digitais-sindrome-de-nagali/>> Ultimo acesso. 11/2014.

ZANATA, E. M. **educação de Jovens e Adultos: Da Inclusão à Exclusão Educacional Memórias e Ações**. In: CASÉRIO. V. M. R.; BARROS, D. M. V. Educação de jovens e adultos na sociedade da informação e do conhecimento: tecnologias e inovação. Corações e Mentes, 2004. p. 147- 159.

## APÊNDICE A

### Roteiro de identificação e caracterização dos educandos (as)

1. Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_
2. Sexo: Feminino ( ) Masculino( )
3. Você se define como?
  - ( ) Branco
  - ( ) Moreno
  - ( ) Negro
  - ( ) Pardo
  - ( ) Amarelo
  - ( ) Vermelho
4. Cidade Natal? \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_
5. Estado Civil?
  - ( ) Solteiro (a) ( ) Casado (a)
  - ( ) Separado (a)judicialmente ( ) Amasiado (a)
  - ( ) União Estável ( ) Divorciada
6. Tem filhos? ( ) sim ( ) não  
Quantos? \_\_\_\_\_
7. Como é o bairro onde você mora?
8. Na sua comunidade ou Bairro tem alguma associação? Você participa de alguma discussão para melhoria do Bairro ou até mesmo na sua igreja?
9. Você está trabalhando? Qual sua função?
10. Você já frequentou antes a escola?
11. Porque deixou os estudos?
12. Qual o motivo de seu retorno?
13. Como esta sendo retornar para escola para você, esta gostando da EJA?
14. O que você espera aprender?

## APÊNDICE B

### **Roteiro para o educando da EJA, entrevista com questões versando sobre sua concepção frente à importância, função e valorização ou não do voto.**

1. Você tem título de eleitor?
2. Votou na última eleição?
3. Você acha importante votar? Por quê?
4. Assiste o horário Político? Ou ouve pelo rádio?
5. Você procura conhecer melhor seus candidatos, através de outras fontes?
6. Como você escolhe seus candidatos? Quando você escolhe seu candidato pensa no que?
7. Conversa com seus amigos, sua família sobre os candidatos?
8. Ao conversar com a professora você tem a ideia de o quanto o seu voto pode fazer algo pelas pessoas que convivem com você?



## APÊNDICE C

### Roteiro de caracterização dos professores (as)

1. Sexo:  
Feminino ( ) Masculino ( )
2. Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
3. Formação acadêmica?  
( ) Magistério 2º grau      ( ) Pedagogia  
( ) Normal 2º grau      ( ) Outra licenciatura. Qual? \_\_\_\_\_  
( ) Normal Superior  
( ) Pós- graduação, especialização. Qual? \_\_\_\_\_
4. Atualmente Leciona em qual nível de ensino? (pode ser assinalada mais de uma opção)  
( ) Educação Infantil  
( ) Ensino Fundamental 1  
( ) Ensino Fundamental 2  
( ) Educação de Jovens e Adultos  
( ) Ensino médio  
( ) Educação Indígena  
( ) Educação Profissional  
( ) Ensino a distância

## APÊNDICE D

### **Roteiro de entrevista sobre a concepção dos professores (as) de educação libertadora.**

Este trabalho tem como objetivo geral levantar, do ponto de vista deste educando, como ele se vê enquanto eleitor e qual seu papel na consolidação democrática deste ato, ainda que se encontre na condição de analfabeto ou pouco letrado. Em se tratando dos objetivos específicos propõe-se a: a) Levantar o perfil do educando da EJA no município de Bauru; b) levantar suas concepções frente à questão do voto e seu papel na consolidação democrática deste ato; c) pontuar possibilidades de intervenção nas salas de aula visando o desenvolvimento da consciência cidadã dos educandos. Para tanto se faz necessário entrevistar também as docentes da EJA.

a. Muitos dos adultos analfabetos ou pouco letrados julgam seus saberes inferiores aos saberes das (o) professoras (o): Como é valorizado o saber do educando adulto dentro da sala de aula?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

b. Segundo Paulo Freire “Não basta dizer que a Educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir a politicidade da educação.” (FREIRE, 1995, P. 46). Como você vê o espaço da escola, como um meio neutro ou como um lugar onde a luta de classes esta implícito dentro do ambiente escolar. De sua opinião em algumas linhas:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Obrigada pela contribuição!

## APÊNDICE E

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento- Educandos

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada de **A Questão do Voto para o Adulto Analfabeto ou Pouco Letrado**. Desenvolvida por Daiane Gomes Tavares Pereira orientada por Eliana Marques Zanata.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos que em linhas gerais é traçar o perfil dos educandos da EJA e suas concepções frente à questão do voto.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo alunos da EJA, que estudam nas escolas e polos da cidade de Bauru.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de uma ficha de caracterização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou sua orientadora.

Bauru , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do (a) Participante \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_

## APÊNDICE F

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento - Professores

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada de **A Questão do Voto para o Adulto Analfabeto ou Pouco Letrado**.

Desenvolvida por Daiane Gomes Tavares Pereira orientada por Eliana Marques Zanata.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos que em linhas gerais é traçar o perfil dos educadores (a) da EJA e suas concepções, sobre uma Educação Libertadora.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo alunos da EJA, que estudam nas escolas e polos da cidade de Bauru.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de uma ficha de caracterização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou sua orientadora.

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do (a) Participante \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_